

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INTERNACIONALIZAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA LUIZA GIRÃO FERREIRA

**ARQUIVOS COMUNISTAS NO MARANHÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO
TWITTER DINO DEBOCHADO**

SÃO LUÍS

2021

MARIA LUIZA GIRÃO FERREIRA

**ARQUIVOS COMUNISTAS NO MARANHÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO
TWITTER DINO DEBOCHADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Letras, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mônica da Silva Cruz.

Linha de pesquisa: Estudos de linguagem e práticas discursivas

SÃO LUÍS

2021

BANCA EXAMINADORA

Mônica da Silva Cruz (Orientadora)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara)

Professora – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (PGLetras/UFMA)

Vanice Maria Oliveira Sargentini

Pós-Doutorado na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle

Professora - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

José Dino Costa Cavalcante

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Professor – Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho primeiramente a Deus, cujas bênçãos me mantiveram firme diante das adversidades vividas durante esta trajetória de mestrado; e à minha família, meus irmãos Adília e Lucas, minha mãe Alberlene e meu pai Marcos, meu cunhado Júnior e principalmente meus sobrinhos Analice e Alexandre, as pessoas que sempre me incentivam e motivam a seguir meus sonhos e entregar o melhor de mim a todas minhas experiências.

Presto meus agradecimentos também à professora Mônica Cruz, pela paciência, conselhos e conhecimento, que me guiaram a desenvolver esta pesquisa. Agradeço pela parceria e pelos aprendizados durante essa pesquisa, que vão além das reflexões dentro do campo da Análise do Discurso; e à professora Ilza Galvão, que também contribuiu com debates, ideias e apoio que colaboraram com o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço também aos colegas do GPELD, que instigaram muitos dos questionamentos que me fizeram buscar compreender melhor a obra de Foucault e mesmo problemas sociais de grande importância. Um grande agradecimento aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA que me acompanharam durante esses anos: ao professor João, cujo trabalho despertou em mim o interesse inicial em começar a pesquisar e compreender a aquisição de línguas; e às professoras Graça, Marize e Veraluce, pelos bons momentos e por dividirem seu conhecimento e experiência comigo.

Agradeço também aos meus colegas de mestrado, que não apenas compartilharam comigo todas as dores e prazeres desta caminhada, mas também se tornaram amigos, com quem dividi boas conversas e construí boas histórias. À Flávia Silveira, que muito me ensinou sobre ser mulher, esteve sempre ao meu lado e me inspirou a ser alguém melhor; a Thays, Dandara, Leudson e Natyara, pessoas iluminadas e responsáveis por alguns dos melhores momentos que vivi nos últimos anos; e a Ivânia, Flávia Correa e Bruno, pessoas que admiro e que espero ter oportunidade de conhecer melhor no futuro. E, principalmente, a Tammy, Bianca e Alice, de quem guardarei com carinho e amor as lembranças e para quem desejo toda a felicidade do mundo.

Não sabia muito o que esperar quando embarquei nessa experiência, que me surpreendeu e me revelou uma força que desconhecia dentro de mim. Nessa jornada, também estiveram comigo as meninas, agora mulheres, que eu mais admiro há anos e tenho a honra de poder acompanhar seu crescimento. Andressa, Yasmim, Camilla e Larisse, as minhas amigas de infância, que sempre me deram as palavras de apoio e carinho que eu precisei para seguir em frente. E, é claro, a Ingrid. Que junto ao Rafael, possibilitaram que eu finalizasse esse estudo da melhor forma possível.

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.
(Michel Foucault)

RESUMO

A midiatização do discurso político e seu caráter de espetacularização sofreram expressivas mudanças com a popularização da internet, o que gerou uma migração desse fazer discursivo para as redes sociais. Além da comunicação direta entre pessoas públicas e os eleitores, novas possibilidades discursivas surgem e passam a afetar saberes relacionados às práticas político-partidárias. Entre elas, estão os perfis *fake*, que desenvolvem uma nova identidade nesses canais de interação e contribuem para a difusão de informações e deslocamentos discursivos de enunciados e objetos do conhecimento dentro do campo político. Assim, este trabalho busca produzir reflexões e analisar discursivamente um perfil que tem crescido e adquirido cada vez mais reconhecimento, tanto em âmbito regional, como nacional: o Dino Debochado, uma versão parodística do governador do Maranhão e filiado ao Partido Comunista do Brasil, Flávio Dino. Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o perfil do Twitter Dino Debochado como prática discursiva dentro do arquivo do comunismo no Brasil, visto que a identidade partidária do governador do Maranhão tem sido objeto central das publicações do Debochado. Essa análise é feita à luz das contribuições de Michel Foucault para o campo dos estudos do discurso, principalmente conceitos que contemplam a relação entre verdade e poder, além dos estudos relacionados às condições de possibilidades discursivas, incluindo noções como formações discursivas, arquivo e ordem do discurso; estudos acerca do fazer discursivo político nas redes sociais (SARGENTINI, 2015) e noções básicas sobre ciberespaço e redes sociais (RECUERO, 2009; 2010). Foram selecionadas sete publicações do perfil, investigadas segundo os princípios do método foucaultiano arqueogenealógico. As análises mostram que, buscando desenvolver um personagem e produzir sentidos que gerem engajamento, o Dino Debochado se insere em uma subjetivação do discurso pecedebista e mobiliza diferentes arquivos relacionados ao comunismo para produzir efeitos de humor e propagar discursos partidários.

Palavras-chave: Comunismo. Discurso. Redes Sociais. Twitter. Perfis fake.

ABSTRACT

Media's influence on political discourse and its spectacle aspect suffered significant changes with internet's popularity, which it has resulted at a migration of this discourse to social media. Besides the communication among public personalities and the electorate, new discursive possibilities emerges and starts to affect knowledges political-partisan related. Such as *fake* profiles, that develop a fake identity at these interaction channels and contribute with dissemination of information along with discursive movements and knowledge topics at the political field. Therefore, this article aims to promote thoughts and analyze the discursive aspects of a profile that has increased and gained recognition, both regionally and nationally: the Dino Debochado, that presents a parody of Maranhão's governor and associated member of Communist Party of Brazil (PCdoB), named Flávio Dino. For this reason, it is the general aim to investigate Twitter profile Dino Debochado, such as a discursive practice in through a Brazilian communist archive, since political identity of Flávio Dino is the main subject of Dino's publications. This analysis is executed according to Michel Foucault's contributions to Discursive Analysis field, mostly conceptual values which contemplates the relation between truth and power, along with studies associated to discursive production conditions and concepts such as discursive formations, archive e discursive order; researches about political discourse at social media (SARGENTINI, 2015) and basic ideas on cyberspace and social media (RECUERO, 2009; 2010). It were selected seven posts on the profile, investigated by the guiding principles of foucauldian archaeogenealogical method. Results shows that, in order to build a character and produce meanings that generate engagement, Dino Debochado generate a subjectivation of PCdoB discourse and mobilize several archives communism related to yield humor and spread partisan discourses.

Keywords: Communism. Discourse. Social Media. Twitter. Fake profiles.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Capa da revista Veja – Edição de 12 de agosto de 2020	39
Imagem 2: Tuíte – 03 de outubro de 2019	55
Imagem 3: Flávio Dino ironiza ação de Bolsonaro no Twitter	57
Imagem 4: Tuíte – 26 de fevereiro de 2020	58
Imagem 5: Tuíte – 05 de abril de 2020	60
Imagem 6: Tuíte – 09 de maio de 2020	61
Imagem 7: Tuíte – 23 de junho de 2020	62
Imagem 8: Tuíte – 18 de dezembro de 2020	63
Imagem 9: Tuíte – 17 de dezembro de 2020	64
Imagem 10: Tuíte – 29 de dezembro de 2020	66

SUMÁRIO

1. Introdução	04
2. Capítulo I: Considerações sobre discurso.....	12
2.1 O método arqueológico e a construção de saberes.....	12
2.2 Saber e poder: a ordem discursiva e o campo político	19
2.3 Perfis <i>fake</i> no Twitter e as estratégias discursivo-argumentativas	27
3. Capítulo II: Arquivos comunistas	35
3.1 Panorama histórico e arquivo didático-comunista	35
3.2 Anticomunismo e bipolarismo político: perspectivas discursivas	42
3.3 PCdoB e o comunismo brasileiro	47
4. Capítulo III: Análise arqueogenealógica do Dino Debochado	52
4.1 Recorte do <i>corpus</i> da pesquisa	52
4.2 Ordem discursiva: Flávio Dino e Dino Debochado	53
4.3 Dino Debochado em tempos de Covid-19	58
5. Considerações finais	68
Referências	70

1. INTRODUÇÃO

Redes sociais, *fake news*¹, marketing político. Debater o discurso político contemporâneo implica considerar que ele é produzido em uma sociedade cada vez mais alicerçada em mídias digitais e na qual se observa um diálogo mais próximo entre governo e cidadãos, o que motiva o uso dessas mídias como ferramenta de propaganda política.

Ao discorrer sobre transformações na produção do discurso político, em seu artigo “Discurso Político e Redes Sociais”, Sargentini (2015) destaca dois pontos fundamentais para a transformação na produção desse discurso atualmente, sendo um deles a ruptura causada pela espetacularização na fala do homem público, que passa a ser caracterizada pela midiaticização e o caráter publicitário; e o outro, a facilitação das formas de acesso ao conteúdo de divulgação político-partidária, permitida pelas tecnologias digitais.

A produção de sentidos no campo político é alterada devido à aproximação entre eleitor e candidato mediada pelas tecnologias digitais e um deslizamento nesse domínio discursivo se constitui pela percepção sobre o representante político, o qual antes parecia distante e inalcançável, e agora transita para a percepção de um homem público não apenas acessível, mas como aponta Baronas (2003), o mais próximo possível de nós.

Diante de uma dinâmica social cada vez mais interativa, o homem político então passa a ser produto da propaganda partidária, encenando duas faces de uma única proposta: o ser humano com rotina e família, e o profissional capacitado, empenhado na promoção do bem geral.

Sobre isso, Courtine (2003) declara que uma das consequências mais marcantes do desenvolvimento de uma tecnologia da comunicação política terá sido a articulação diferente entre enunciação do discurso e espetáculo do corpo falante, em proveito deste último. Tratando sobre as mídias que fazem despontar uma cultura do espetáculo político, o autor afirma que as técnicas audiovisuais de comunicação política promovem o corpo como um objeto-farol, um recurso central da representação política, que transita de um sistema centralizado no texto, veículo de ideias, para uma política de aparências, geradora de emoções (COURTINE, 2003).²

¹ Termo utilizado para referir a notícias inverídicas que circulam nas mídias e redes sociais, ações amplamente discutidas durante eleições, quando circulam informações falsas sobre candidatos e partidos.

² A citação corresponde ao texto original produzido por Jean-Jacques Courtine (Les glissements du spectacle politique. Esprit, Paris, n. 164, 1990) e cedido pelo autor para publicação na obra “Discurso e mídia: a cultura do espetáculo (2003), organizada por Maria do Rosário Gregolin (2003).

Esses efeitos de proximidade e emotividade, já presentes em propagandas televisivas, levando a figura pública ao lar das pessoas, ficam ainda mais evidentes com o advento da *web* e das redes sociais. Passa-se, então, a ser possível acessar propaganda eleitoral e analisar propostas de governo a qualquer momento, por meio de poucos cliques. E mais ainda: longe das discussões acaloradas de debates e comícios, é possível interagir diretamente com uma figura pública, por meio das redes sociais. Nesse sentido, Sargentini (2015) ressalta o destaque da *web* por ser um canal que permite o contato com muitas pessoas simultaneamente em um cenário em que os candidatos políticos desejam falar ao povo e com o povo.

A partir dessas transformações, as redes sociais passam a ser utilizadas como ferramenta de difusão de conteúdo político e os textos que circulam nessas redes assumem a função de reafirmar a identificação do candidato com o seu eleitor e nutrir embates que são produzidos durante a campanha (SARGENTINI, 2015), utilizando-se de diferentes mecanismos discursivos para alcançar o público-alvo.

Popularizando-se enquanto mídias comunicativas, as redes sociais passam então a protagonizar os principais embates de cunho político-partidário e discussões sociais, permitindo aos seus usuários que interajam com as informações que consomem, comentando e debatendo assuntos do momento. Logo, as redes sociais tornam-se agentes de intensa circulação, dispersão e retomada de discursos.

Considerando o caráter publicitário assumido nesse domínio discursivo e retomando a concepção do homem público como produto da propaganda eleitoral, o Twitter desponta neste cenário como aposta do marketing político³, sendo assim utilizado pelos próprios filiados aos partidos como canal para promoção de si mesmos e dos seus valores políticos. Assim, a rede social funciona como meio de circulação de enunciados político-partidários durante o período eleitoral, trazendo novas possibilidades para a propaganda política. Ao estabelecer laços com os usuários, os candidatos podem divulgar seus programas de governo, tirar dúvidas e debater ideias em um espaço no qual são compelidos a adaptar suas estratégias retóricas, a fim de persuadir o maior número possível de eleitores a aderirem às suas propostas.

³ Considerando que o discurso político assume um caráter publicitário, avalia-se que este campo passa a ter uma abordagem própria do marketing, baseada na venda de produtos e serviços. Diante disso, ressaltam-se os quatro elementos essenciais do marketing: produto, preço, praça, promoção. Aponta-se que nesse cenário o homem público é o produto, o Twitter é a praça (onde o "produto" é vendido), e a argumentação, a forma de enunciação da propaganda política, é a promoção (estratégias de venda do produto). Nesse caso, o preço seria o voto: políticos "vendem" ideias e propostas visando adesão de votos para si ou para seu partido/aliados.

Por isso, é possível afirmar que as redes sociais constituem práticas discursivas do campo político, que mobilizam diferentes enunciados para produção de sentidos e persuasão do público eleitor. Como toda prática discursiva, elas são regidas pelas possibilidades do que se pode ou não dizer, considerando o cenário social nas quais estão inseridas. Essa lei de *dizibilidade* é nomeada por Michel Foucault (2009) como arquivo, e a partir dela, serão percebidos conjuntos de enunciados que se agrupam segundo determinadas regularidades e compõem o discurso político, marcando diferentes formações discursivas (FD). Em nível discursivo, essas formações são povoadas por sujeitos, entendidos como “um objeto historicamente construído a partir de determinações que lhes são exteriores” (REVEL, 2005, p. 84). Assim, são assinaladas funções, denominadas posições-sujeito, que demarcam um “lugar do sujeito universal próprio a uma determinada FD” (COURTINE, 2014, p. 87), validando a instância de onde se pode enunciar um saber.

As transformações sociais e históricas do discurso político ensejam novas posições-sujeito e diferentes articulações entre FD que estão inseridas neste campo discursivo, resultado das novas materialidades discursivas, marcadas pelas particularidades do ambiente virtual. Entre elas, estão os perfis *fake* de políticos no Twitter, páginas com caráter humorístico e de entretenimento que se utilizam da imagem de determinada figura pública para dialogar com os seus seguidores.

Exemplo desse tipo de perfil é a página Dilma Bolada, que surgiu no Twitter durante as eleições de 2010, apresentando uma paródia de Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil. A página construiu uma personagem para produzir sentidos e apoiar a Presidente, chamando atenção pelo humor inteligente, utilizando-se de slogans e programas de governo e da campanha eleitoral de Dilma Rousseff para constituir a paródia (GADELHA, 2013).

Não é de hoje que se observa o uso do humor como estratégia discursiva no discurso político, manifestando-se por meio de diferentes estratégias discursivo-argumentativas como a derrisão, que associa humor e agressividade em uma tentativa de desqualificar o opositor. Outrossim, considera-se a ironia como instrumento de função similar, não estando “necessariamente a serviço do riso, embora seja uma consequência inevitável”. (BRAIT, 2008, p. 13). Enfatiza-se, então, o caráter discursivo desses mecanismos de interação, visto que o emprego deles implica a mobilização de diferentes posições-sujeito e formações discursivas para a construção de sentidos, já que se “por um lado deriva da fala de indivíduos inseridos historicamente em seu tempo, (...) por outro tem o poder de nomear, consagrando ou ocultando sujeitos, políticas, instituições, práticas e ideologias.” (BENETTI, 2016, p. 37).

Ressalta-se também que, na busca pelo riso, as diferentes instâncias do discurso político inserem-se em diversos arquivos relacionados a regimes políticos, valores sociais e alianças, para comunicarem-se com o público. Assim, retomam saberes, recorrem a campos de memória e adequam-se ao que é determinado por instituições como apropriado a ser dito.

Um perfil no Twitter que se destaca pelo uso de ironia e derrisão como suporte para a produção de sentidos no campo político contemporâneo é o Dino Debochado, que dá vida a um personagem inspirado no governador do Maranhão, Flávio Dino, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Em seu perfil, o Dino Debochado se inspira em um comportamento assumido pelo próprio político Flávio Dino, popular nas mídias por seus comentários muitas vezes irônicos e debochados⁴, e insere-se no arquivo comunista para produzi-los, visto que a filiação ao partido comunista tem sido fator de grande destaque na trajetória política do governador.

O perfil foi criado em outubro de 2018, período em que aconteceu o primeiro turno das eleições que resultaram na reeleição de Flávio Dino para o seu segundo mandato na gestão estadual, tendo tomado posse no cargo pela primeira vez em 2015. Desde então, a página tem crescido tanto em relação ao público (registros dessa pesquisa marcam o crescimento do número de seguidores da página, apresentando uma média de 9 mil seguidores em julho de 2019; 24 mil, em dezembro de 2019; 55 mil, em julho de 2020; e 63 mil em março de 2021), como no tocante ao reconhecimento no cenário político, local e nacional.

A página chegou inclusive a ser tema de matéria no veículo jornalístico Revista Fórum⁵, assinada pelo jornalista George Marques e intitulada “O deboche e o humor como aliados da política – a história do ‘Dino Debochado’”⁶. Corroborando com o reconhecimento do perfil, é citada no texto ocasião na qual um auxiliar de limpeza não reconheceu o governador e perguntou se ele era o Dino Debochado, além de ressaltar interações do autor da página com atores globais, como Bruno Gissoni.

Nesse contexto, esta pesquisa norteia-se pela busca de respostas para a questão central: sob perspectiva arqueológica é possível relacionar o Twitter Dino Debochado à

⁴ Apesar de ambos mobilizarem o humor com a finalidade de produzirem diferentes sentidos, ironia e deboche são construídos de formas diferentes. Enquanto na ironia há a construção de um sentido diferente à enunciação literal, o deboche caracteriza-se pela zombaria/escárnio direcionado a outrem, estando mais próximo da derrisão, que também zomba, porém com a finalidade de desqualificar alguém.

⁵ A revista surgiu de uma inspiração no Fórum Social Mundial, evento que busca uma transformação social mundial, e por isso aborda temas de relevância sócio-jornalística, principalmente no campo político. Segundo o próprio veículo, possui uma das maiores audiências no segmento jornalístico nacional (REVISTA FÓRUM, s./d.).

⁶ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/blogdodgeorge/o-deboche-e-o-humor-como-aliados-da-politica-a-historia-do-dino-bolado/>

formação discursiva comunista e considerá-lo prática discursiva do arquivo comunista brasileiro?

Visando alcançar resoluções para esse questionamento, propõem-se alguns objetivos, a serem especificados a seguir, e levantadas duas hipóteses para este trabalho. A primeira hipótese é que o Twitter Dino Debochado é uma prática discursiva inserida no arquivo comunista brasileiro, utilizando-se da popularização da rede social no discurso político para produzir sentidos e instituindo uma formação discursiva dinista, caracterizada pela posição sujeito irônica e derrisiva. A segunda hipótese assenta-se na observação de que, por meio de uma linguagem despojada e efeitos irônicos/derrisórios, as publicações atuam como meio de “controle do discurso”, propagando ideais do governo de Flávio Dino, contudo dialogando de modo mais íntimo e próximo com o público por meio da voz do “debochado”, diferente do Flávio Dino governador, que atende a convenções sociais formalistas ou formais.

Considerando as instâncias que estruturam o cenário contemporâneo do fazer político explanadas anteriormente e no intuito de responder à questão norteadora, esta pesquisa tem como objetivo geral: investigar o perfil do Twitter Dino Debochado como prática discursiva dentro do arquivo do comunismo no Brasil. Considera-se com Michel Foucault (2009) que as práticas discursivas possuem densidade histórica, condições específicas de existência e regras próprias de funcionamento e de circulação. Para isso, tomam-se como objetivos específicos: a) analisar as características de práticas discursivas que envolvem o discurso político atual, avaliando as redes sociais como materialidade, por meio da qual, serão produzidas diferentes práticas discursivas no campo político; b) realizar uma leitura histórico-discursiva do arquivo comunista, partindo dos embates de poder na Guerra Fria e analisando o cenário contemporâneo do Partido Comunista do Brasil e da trajetória de Flávio Dino; c) investigar regras de formação, poderes e saberes que constituem sentidos no Twitter Dino Debochado, em sua relação com o arquivo comunista brasileiro.

Quanto à metodologia, este estudo é de natureza qualitativa e descritiva, utilizando como aporte teórico-metodológico a arqueogenealogia proposta por Michel Foucault. Vale ressaltar que arqueologia e genealogia são duas concepções abordadas pelo filósofo francês, que se aliam em um método investigativo na busca por uma compreensão acerca da formação de saberes e do que é tomado como verdade em diferentes sociedades, de acordo com jogos de poder estabelecidos por embates entre instituições, como Igreja e Estado. A análise arqueogenealógica apreende um trabalho de análise documental, constituído pela leitura, descrição e análise de documentos considerados como fontes primárias, isto é, materiais que

ainda não receberam tratamento analítico a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Para isso, na perspectiva foucaultiana, a arqueologia parte da análise dos sistemas de formação dos discursos e a genealogia, de fatores que os limitam e os controlam. O trabalho arqueológico é voltado para a descrição e análise das práticas discursivas, mostrando o “como” desses processos, e o trabalho genealógico esclarece sua relação com as práticas discursivas e não discursivas que submetem indivíduos a mecanismos de poder, revelando o “porquê” dos acontecimentos discursivos (ARAÚJO, 2007; BAYS, 2010).

Logo, as etapas metodológicas deste estudo constituem-se na descrição de enunciados observados em práticas discursivas e na exploração dos fatores que são articulados na enunciação, expondo as condições de emergência desses enunciados. Assim sendo, será realizada uma leitura discursiva do Twitter Dino Debochado, tomando para análise publicações do perfil, partindo-se dos seguintes conceitos-chave: enunciados e enunciados reitores; formações discursivas e arquivos; relações entre saber e poder.

Nesse processo, o perfil do Dino Debochado utiliza-se de duas principais abordagens em suas publicações: a primeira, visando a propagação da gestão de Flávio Dino, emite tiradas irônicas com o objetivo de posicionar-se positivamente em relação ao governo, recorrendo frequentemente a formações discursivas sobre o comunismo e assumindo uma posição-sujeito pcdebista e a segunda pauta-se em declarações derrisórias acerca da gestão nacional, que foi criticada inúmeras vezes publicamente por Flávio Dino. Assim, observa-se que o emprego da imagem do governador não é aleatório, visto que a página busca circular sentidos anteriormente apresentados em linguagem oficial, adaptando-a para um tom descontraído e promovendo movimentos discursivos sobre tópicos atuais, a exemplo da Covid-19.

A COVID-19⁷ trata-se de uma doença causada por uma nova cepa de coronavírus, família de vírus que causam infecções respiratórias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), e cuja disseminação gerou uma pandemia que marcou o ano de 2020. As discussões sobre o impacto mundial gerado pela enfermidade não apenas na saúde, mas também na economia e em outros tópicos relativos ao convívio social, tem sido intensamente discutida nas redes de veículos midiáticos, nos perfis de políticos (que são pressionados a se posicionarem pela população) e

⁷ COVID-19 foi a nomenclatura definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para a doença causada pelo novo coronavírus. COVID significa COrona Vírus Disease (Doença do Coronavírus), e o numeral “19” se refere a 2019, ano no qual os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. (FIOCRUZ, 2020)

em outras páginas diversas. O Twitter Dino Debochado não é uma exceção, mas realiza essas reflexões acionando, conforme já destacado, ferramentas ligadas ao humor. Por isso, foram selecionados sete tuítes publicados no ano de 2020, ao ter início a pandemia de Covid-19, datados dos meses fevereiro, abril, maio, junho e dezembro. Busca-se realizar uma leitura discursiva sobre a função dos perfis *fake*, considerando as particularidades do Twitter enquanto prática discursiva política, principalmente em cenários como este, de crise, nos quais os embates entre figuras públicas são inflamados.

O discurso está em constante transformação, submetido às mudanças histórico-sociais e às relações estabelecidas entre pessoas e instituições. Sentidos e saberes continuamente são soterrados e apagados, em diferentes materialidades. O campo político e a produção discursiva que o tange não estão isentos dessas mudanças e, por isso, este estudo se justifica ao propor-se a agregar conhecimentos acerca de acontecimentos discursivos que marcam significativamente a atualidade e promovem o aparecimento de enunciados que abrem uma existência remanescente no campo de uma memória passível de ser retomada no futuro (FOUCAULT, 2009).

Além de visar uma contribuição teórica aos estudos do discurso político contemporâneo, sobretudo nas redes sociais, a realização desta pesquisa encontra sua relevância social na compreensão das novas alternativas discursivo-argumentativas possibilitadas pelas redes sociais e da circulação do discurso político, sobretudo aquelas que são relativas à aplicação do humor (nas figuras da derrisão e ironia, neste caso) com o intuito de persuadir um público. Assim, busca-se incentivar debates nestes campos discursivos que contemplem as novas dinâmicas sociais, meios de comunicação e os deslocamentos discursivos que são provocados por eles, produzindo novos sentidos e ressignificando saberes.

O trabalho divide-se em três sessões. Na primeira, será apresentado o percurso teórico da pesquisa, com elucidação dos conceitos-base para a análise aqui proposta, do cenário sócio-histórico no qual se desenvolvem as práticas discursivas estudadas e das características do discurso político neste contexto; na segunda, será investigado o arquivo comunista, para uma maior compreensão sobre este tópico, recorrente nas publicações do perfil. Este ponto faz-se necessário para uma avaliação nos movimentos discursivos promovidos por Flávio Dino, que discute valores “atualizados” do comunismo, que se adequam ao cenário capitalista pós-moderno, e pelo Dino Debochado, que replica enunciados emitidos pelo governador em tom humorístico. Por fim, na terceira sessão será apresentado e analisado o *corpus* da pesquisa, segundo os parâmetros teórico-metodológicos definidos.

O surgimento de perfis no Twitter como o Dino Debochado evidencia as transformações discursivas relativas ao campo político e esta pesquisa apresenta uma possibilidade de leitura desse objeto, assim como visa incentivar que outras leituras sejam exploradas e outros objetos como esse sejam também estudados.

2. CAPÍTULO I - Considerações sobre o discurso

Neste capítulo, apresentam-se conceitos-chave pertencentes ao método arqueogenealógico, entre eles enunciado, formação discursiva e arquivo, além da discussão sobre saber e poder. Essas noções serão a base para analisar posteriormente uma das ordens do discurso político atual e as redes sociais como materialidade discursiva que produz sentidos, contexto importante para a análise do *corpus*, realizada no capítulo III.

2.1. O método arqueológico e a construção de saberes

Pensar sobre os conhecimentos irrompidos até os dias atuais, dos mais diversos domínios do saber, levanta questões acerca do modo como eles se desenvolveram até chegar ao ponto a que chegaram, sendo compartilhados como princípios do saber social. Alguns são dados como naturais, evidentes, ou como produtos do senso comum. Mas é possível afirmar que existem conhecimentos naturais? E qual é a origem da determinação dos saberes que conhecemos como senso comum? Comum a quem?

Em seus estudos, o filósofo francês Michel Foucault realiza uma detalhada análise sobre as origens do conhecimento, investigando mecanismos de funcionamento nas irrupções e discontinuidades de concepções como a definição de loucura, psicologia e psicopatologia (Doença mental e Psicologia/1954; História da loucura na idade clássica/1961); de punição e delinquência (Vigiar e punir, 1975); e mesmo da sexualidade (História da Sexualidade, 1976-2017). Nesse sentido, ele aponta que a estruturação de diferentes saberes como esses está submetida a um feixe de diversos e complexos fatores, descartando a possibilidade de que existam saberes naturais e demarcando o conceito de “senso comum” como incluído neste conjunto de fatores de produção.

Ele aponta para uma singularidade própria dos enunciados que compõem esses conhecimentos e saberes, fundando a noção do discurso como acontecimento e propondo-se a estudar as regularidades estabelecidas entre conjuntos de discursos, dentro de sua particularidade.

Foucault, buscando afastar-se de rotulações e limitações teóricas, problematiza essas questões em uma visada filosófica, mas as analisa tal qual um historiador, debruçando-se incansavelmente sobre arquivos e em bibliotecas. Muchail (2015) esclarece, sobre isso, que o

autor faz uma filosofia por meio da prática de uma investigação histórica, escrevendo não uma história da filosofia, mas de reflexões filosóficas relacionadas a outros objetos de estudo. Assim, seu trabalho aproxima-se dos estudos históricos, pois como aponta, ele busca “fazer uma história dos objetos discursivos que não os enterre na profundidade comum de um solo originário, mas que desenvolva o nexo das regularidades que regem sua dispersão.” (FOUCAULT, 2009, p. 54).

Porém, o autor aproxima-se de um campo de estudos diferente do que se toma como história tradicional, caracterizada por desenvolver narrativas sobre acontecimentos, descobertas científicas e outros saberes, como fruto de um processo linear e homogêneo de evolução do mundo: segundo esta lógica historiográfica, a humanidade estaria desenvolvendo cada vez mais seu intelecto e avançando em relação a conhecimentos, em sequência cronológica e crescente. Assim, na história tradicional há uma escrita narrativa em longos períodos de tempo, que atendem a uma ordem linear de acontecimentos, desconsiderando irrupções e descontinuidades e estabelecendo uma aparente ordem de causa e consequência entre eles.

Foucault então aproxima-se de uma perspectiva de conhecimento que se põe de forma diferente em relação à história considerada tradicional, nomeada Nova História (ou História Nova). Ela emerge suprimindo uma necessidade que surge, entre os historiadores, de escapar da dificuldade relativa à atividade de estudar longos períodos de tempo, organizando arquivos e documentos em uma narrativa homogênea e genérica dos acontecimentos.

Para alguns estudiosos, com o despontar dos *mass media*, essa dificuldade aumenta, diante da ampliação de informações circulando socialmente, o que promove uma mudança na definição dos fatos históricos. Sobre isso, Nora (1991, p. 47) aponta que “hoje em dia, o mais pequeno acontecimento é vivido como sendo já histórico, memorável, inscrevendo-se já na História, quando nem sequer se sabe se ele terá lugar ou se virá a ter alguma importância.”

Assim, observa-se um deslocamento da atividade historiográfica para um aprofundamento nas minúcias que envolvem a análise de questões sociais específicas. Há uma necessidade de reavaliar a relevância das fontes das quais as informações e documentos são coletados, anteriormente centralizadas nas principais instâncias de poder e elites. Nessa direção, busca-se analisar documentos e produzir sentidos de um ponto de vista diverso ao tomado pela abordagem tradicional, buscando possíveis respostas para um problema, com uma investida mais detalhista e considerando diferentes pontos de vista.

A contribuição de Foucault, em sua proposta de uma análise arqueológica do saber, relaciona-se com as diretrizes da História Nova no sentido de tomar o discurso como uma série de acontecimentos encadeados em um sistema complexo, de constante organização e reorganização, sem que possam ser contemplados de modo fixo em uma narrativa linear e homogênea. Contudo, para além do registro e descrição dos fatos históricos e surgimento de conhecimentos, Foucault busca ir além: ele trabalha com a investigação de como esses conhecimentos despontam em determinados momentos históricos, avaliando as regras que corroboram com isso. Para essa empreitada, o autor toma como elemento central de seu estudo o discurso.

Com esse olhar, Foucault funda a definição de acontecimentalização, descartando a concepção de uma história acontecimental e partindo de uma consciência das rupturas da evidência induzida por certos fatos, que são cristalizações de determinações históricas complexas (REVEL, 2005). Ele conclui que os conhecimentos são constituídos por enunciados que se aglutinam em discursos e estão envolvidos em “um campo de elementos que os antecede, o que sinaliza o funcionamento da memória e do esquecimento na retomada, redistribuição, reorganização e deslocamento de um passado enunciativo.” (VOSS; NAVARRO, 2013, p. 96).

Outrossim, Foucault traça sua contribuição aos estudos do discurso ao levantar diversos questionamentos relativos aos fatores que constituem a produção de sentidos nas trocas comunicativas, para além das estruturas linguísticas.

Sobre a interação do discurso com a história, Sargentini (2010) aponta que o historiador Paul Veyne enfatiza dois fatores fundamentais aos quais o discurso está submetido, sendo eles as fronteiras sócio-históricas nas quais está inserido e as relações de poder definidas em um determinado lugar e espaço. Ele argumenta que os sujeitos são, então, prisioneiros dos discursos de seu tempo, pensando em grande proporção no interior das fronteiras do discurso do momento em que se situam (VEYNE *apud* SARGENTINI, 2010).

A partir dessas reflexões, é possível compreender porque o campo de estudos foucaultianos do discurso compreende que a produção de sentidos de uma sociedade não cabe apenas na estrutura de uma língua. Seguindo esses estudos, o sentido é construído por meio de acontecimentos, que criam remanescências em uma memória e constituem a história. Neste cenário, a relação do campo discursivo com outros campos (econômico, social, político) decorrerá na acontecimentalização de saberes, promovendo apagamentos e retomadas de enunciados.

Considerando a particularidade dos discursos e propondo-se a estudar historicamente conjuntos de acontecimentos discursivos que resultaram em diferentes saberes na história, Foucault propõe um método, uma forma de olhar os discursos e avaliar as regularidades que são estabelecidas entre eles, na escavação de saberes insurgidos em diferentes momentos históricos e contextos sociais, sob uma perspectiva de relações de poder.

Enfatiza-se, aqui, a distinção que Foucault faz entre saber e conhecimento, sendo este último correspondente “à constituição de discursos sobre classes de objetos julgados cognoscíveis, isto é, à construção de um processo complexo de racionalização, de identificação e de classificação dos objetos independentemente do sujeito que os apreende. (...)” (REVEL, 2005, p. 77). Já o saber, para o autor, trata-se do processo de mudança pelo qual o sujeito passa na atividade de conhecer. Ele se define, portanto, por possibilidades de utilização e apropriação oferecidas pelo discurso (REVEL, 2005; FOUCAULT, 2009).

Aponta-se, então, uma correlação entre conhecimento e saber, visto que os conhecimentos estão sob constante interpretação dos sujeitos, que ocupam a função de observação, interrogação, decifração e registro dos objetos que ocupam em seu discurso (FOUCAULT, 2009).

Por exemplo, em detrimento dos diferentes discursos acerca da ciência política, o sujeito político se apropriará dos conhecimentos até então construídos acerca do objeto e fará uma leitura deles própria do momento e lugar no qual fala, considerando as relações de poder às quais seu discurso está submetido.

Por isso, esse aparato teórico-metodológico é denominado Arqueologia do Saber, um método de compreensão dos saberes que toma por base o enfrentamento das relações que povoam e formam os discursos efetivamente ditos pelos sujeitos em uma época. Esse projeto tem como característica essencial - compreender as condições de possibilidades de um discurso surgir, circular, ser abrigado por uns e repudiados por outros, em uma sociedade. Para isso, o autor propõe a “descrição de acontecimentos discursivos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam.” (FOUCAULT, 2009, p. 30).

Oliva (2020) esclarece a metáfora da arqueologia, explicando que Foucault se vale dessa analogia para se referir às diferentes formas de saber, compreendendo que, para estudar a história dos saberes, se faz necessário trabalhar assim como um arqueólogo, ou seja, é preciso escavar solos. Considerando que os saberes estão disputando constantemente hegemonia, projeção e ascensão sobre as pessoas na vida social, alguns conseguem ser bem sucedidos nesta tarefa e outros são soterrados. Desse modo, um dos alvos dos estudos

arqueológicos de Foucault seria investigar esse movimento de manutenção e apagamentos de certos saberes.

Por isso, em sua obra homônima, Foucault realiza reflexões sobre as relações que se estabeleceram do menor e mais simples grau discursivo (enunciado) para o mais amplo e complexo, sendo esse a formação discursiva (GONÇALVES, 2009). Sobre isso, estabelece que o enunciado não se trata de uma estrutura ou unidade, mas uma “função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis, fazendo com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” (FOUCAULT, 2009, p. 98).

Logo, não se concebe o enunciado enquanto expressão material da língua, mas como uma função que pode determinar seu aparecimento, uma condição de existência pertencente à articulação entre signos. Dessa forma, determina sentidos produzidos por eles e as regras que compõem seu aparecimento e materialização.

Foucault ressalta sobre a análise dos enunciados:

(...) trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2009, p. 31).

No tocante às relações que podem ser estabelecidas entre enunciados, o autor aponta que a instância na qual seja possível observar um semelhante sistema de dispersão entre eles, configura-se em uma formação discursiva (FD).

Neste ponto, ele determina quatro categorias descritivas para a análise das FDs: objetos, sujeitos, conceitos e estratégias (GONÇALVES, 2009). Segundo a perspectiva foucaultiana, o sistema de formação discursiva envolve a estruturação de objetos diante de complexas relações estabelecidas no nível discursivo entre instituições, processos econômicos e sociais (FOUCAULT, 2009). Em relação a esses objetos, são estabelecidas posições-sujeito, para quem é atribuída titularidade e autoridade para regulamentá-los, proferi-los e modificá-los. Sendo assim, certos reagrupamentos de objetos, organizações de conceitos e tipos de enunciação formam, segundo seu grau de coerência, rigor e estabilidade, temas ou teorias, as quais Foucault alcunha convencionalmente como estratégias (FOUCAULT, 2009).

Ele aponta ainda compreensões fundamentais para a análise das formações discursivas. Estabelece que na formação dos objetos, é essencial que não se atenha ao domínio das palavras e das coisas; na formação dos tipos enunciativos, não se atribui a presença de um sujeito cognoscente ou uma individualidade psicológica, considerando apenas

posições de enunciação estabelecidas sócio-historicamente; e na formação de conceitos, não se considera um horizonte da idealidade, onde coexistam ideias pré-concebidas que são externas ao discurso, visto que mesmo o campo pré-conceitual está inserido no nível dos discursos. (FOUCAULT, 2009)

Por isso, o fazer arqueológico busca descrever séries de enunciados e as relações que as mantêm dispersas, e no entanto, regulares, estruturando sistemas de condições e domínio de aparecimento, e de possibilidade e campo de utilização. Esses sistemas, que instauram enunciados como acontecimentos e coisas (respectivamente), são classificados como arquivo na arqueologia de Foucault (VOSS; NAVARRO; 2013; FOUCAULT, 2009), e passam a ser analisados enquanto monumentos, “demandando uma descrição capaz de restituir o seu conteúdo não verbal” (BEIGUELMAN, 2016).

O arquivo, portanto, é a lei que rege o que pode ser dito, o conjunto de regras que estabelecem condições para o aparecimento e desaparecimento de enunciados. Diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria, definindo o sistema de sua enunciabilidade (FOUCAULT, 2009).

Ao tratar de arquivos comunistas, por exemplo, é possível apontar que diferentes práticas que os contemplam recortarão de formas distintas o objeto do saber que se toma pelo termo comunismo. Essas diferentes percepções acerca da significação do comunismo serão, portanto, resultado de uma rede de acontecimentos discursivos e não discursivos, regidos por redes de poder que embatem entre si.

Ainda sobre essas percepções, observa-se que no decorrer dos séculos, apreendem-se regularidades no sentido de duas abordagens principais do comunismo: uma relacionada a uma proposta utópica externa a governos, constituída na igualdade de insumos entre seres humanos; e a segunda, relativa ao regime de governo que luta contra a opressão burguesa, e que passa a tornar-se antônimo a tudo que a represente (principalmente o capitalismo). Essas duas possibilidades enunciativas ocasionam o aparecimento e apagamento de diversos enunciados, de acordo com o momento histórico, que serão abordadas futuramente, na análise propriamente dita.

Vale ressaltar que a analogia do termo-chave “arquivo” também se relaciona ao trabalho do historiador, de analisar e organizar arquivos (físicos, neste caso), de modo a estruturar uma lógica narrativa na história a qual se está reconstruindo. No sentido da arqueologia foucaultiana, esses arquivos não são físicos, mas definem um “nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos

regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e manipulação.” (FOUCAULT, 2009, p. 147).

A arqueologia propõe-se à investigação desses arquivos, com a finalidade de apreender, por meio das regras de aparecimento e desaparecimento de enunciados, como e por que são instituídos e apagados diferentes saberes. Nesse contexto, as fronteiras sócio-históricas, as relações de poder e os sujeitos envolvidos na produção de discursos são elementos fundamentais para a compreensão do seu passado enunciativo e das circunstâncias que diferem um enunciado de outro, mas que também marcam regularidades entre eles ou justificam o soterramento de um em detrimento do outro.

Nesse plano, apontam-se mais duas concepções que compõem a arqueologia dos saberes. São elas a de árvore de derivação enunciativa e enunciados reitores, sendo a primeira representativa do conjunto de relações entre enunciados, partindo de formações mais amplas, mais rentes à raiz de diferentes discursos; e a segunda referente aos enunciados que “se localizam junto à raiz de uma árvore de derivação enunciativa e que regem o funcionamento desta.” (VOSS; NAVARRO, 2013, p. 102). Assim, usualmente marcam acontecimentos discursivos de grande relevância, que podem impactar acontecimentos históricos e mesmo produzir mudanças na memória, apagando alguns saberes para a substituição por outros e evidencição desses.

A arqueologia como método de compreensão da formação e circulação dos discursos dispõe-se a uma avaliação dos elementos relacionados a determinados discursos para alcançar uma compreensão acerca das instâncias de seu aparecimento. Para isso, é realizada a descrição sistemática de um discurso-objeto e das circunstâncias que confluíram para seu aparecimento, visto que “não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época.” (FOUCAULT, 2009, p. 50).

Como citado anteriormente, a formação de objetos discursivos acontece de acordo com um complexo feixe de relações e, além de definir quadros formais sobre a formação de discursos, Foucault passa a observar em uma segunda etapa de seus estudos a influência que as relações de poder têm nesse processo e, conseqüentemente, na circulação e controle de diferentes discursos e instituição de saberes enquanto verdades. Desse modo, após a estruturação da arqueologia, passa para uma abordagem genealógica. As suas contribuições para essa compreensão serão abordadas no próximo tópico.

2.2 Saber e poder: a ordem discursiva e o campo político

Um ano após a publicação da *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault ministra uma aula inaugural do *Collège de France*, que posteriormente vem a se tornar a sua obra *A Ordem do Discurso*. Neste momento de seus estudos, ele desloca suas análises do discurso voltadas para as relações interdiscursivas, evidenciando as articulações entre saber e poder, mediados por modos de produção da verdade (MUCHAIL, 2004).

É importante ressaltar que a perspectiva foucaultiana sobre poder é muito específica e foge à compreensão do poder como centralizado e repressor, que sempre diz não. Em seu entendimento, existem diferentes relações que se estabelecem e que pertencem à toda estrutura social. Machado (1979) esclarece que Foucault desenvolve uma análise dos poderes como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa. À vista disso, prossegue pontuando que não existe algo unitário e global chamado poder, mas diferentes configurações em constante formação. Estabelece também que “o poder não é um objeto natural, uma coisa: é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (MACHADO, 1979, p. 10).

Ao dar continuidade às reflexões que desenvolve acerca das regras de formação dos objetos dos discursos, que geram saberes construídos socialmente, ele desenvolve a concepção de que essas regras correspondem às relações citadas no tópico anterior. Segundo ele, essas relações estabelecem uma ordem discursiva. Assim, aponta que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2008, p. 9).

Afirma também que externamente ao discurso, podem ser observados três procedimentos de exclusão, sendo eles a interdição, a rejeição e a oposição entre verdadeiro e falso. A primeira, segundo ele, é a mais evidente, e parte do princípio que, socialmente, não é permitido falar de tudo em qualquer circunstância.

Sobre isso, ele assinala as regiões da sexualidade e da política como lugares do discurso onde as interdições “exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes.” (FOUCAULT, 2008, p.10).

Já ao tratar da rejeição, ele se refere à oposição razão e loucura, esclarecendo que, aqueles que são considerados loucos, em determinadas sociedades, são separados, silenciados

e, por fim, rejeitados. Outrossim, a oposição entre verdadeiro e falso também exclui e faz transparecer, mais ainda que os outros procedimentos de exclusão, a força das instituições no controle do discurso.

Isso porque, como aponta Foucault (2008), há uma “vontade de verdade” que permeia as sociedades entre os séculos e exerce sobre outros discursos um poder de coerção, apoiando-se sobre um suporte institucional, sendo reforçada e reconduzida por um conjunto de práticas sociais; e reconduzida pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

A vontade de verdade é um sistema de exclusão que acaba por atingir o discurso, assim como a palavra proibida determinada pelas interdições e a segregação da loucura. Foucault (2008) ressalta que a primeira não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e incontornável, portanto os outros dois sistemas de exclusão orientam-se em sua direção. Conclui-se disso que a loucura e a palavra proibida são determinadas como a oposição ao saber que é instituído socialmente como verdadeiro e aceitável.

Diante disso, esse suporte institucional que atua como base para a definição entre verdadeiro e falso implica em uma rede de conexões e embates de poder entre instituições sociais, que podem impor diferentes verdades, baseadas em seus interesses.

Em obras posteriores à *Ordem do Discurso*, Foucault explora essas relações de poder estabelecidas, avaliando o funcionamento dos mecanismos que estão envolvidos na produção de “verdades”. Em *Microfísica do Poder*, ele retoma e aprofunda algumas reflexões no tocante à relação entre saber e poder, alcançando a compreensão que os discursos obedecem a um regime da verdade, regulamentado pelas instituições de poder.

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia” mas em termos de “verdade/poder”. (FOUCAULT, 2010, p. 11).

É possível observar, portanto, que para Foucault a verdade é fruto de embates de diferentes poderes, no qual a materialidade dos enunciados e os sujeitos envolvidos nas práticas discursivas são circunstâncias para a estruturação de formações discursivas e na

definição das regras de formação que resultarão em um regime de verdade e na constituição de saberes.

Ressalta-se que, assim como esclarecido em tópicos anteriores, o termo sujeito na obra foucaultiana não se trata de um indivíduo cognoscente com autonomia enunciativa, mas uma posição que é desempenhada pela própria existência do enunciado e pelas regras de formação que o enunciado emprega. (VOSS; NAVARRO, 2013, p. 111).

Sobre isso, Foucault esclarece que

o discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 2009, p. 61).

Por conseguinte, os enunciados são considerados únicos por responderem a uma ordem particular, que controla, seleciona, organiza e redistribui a produção do discurso em uma determinada sociedade (FOUCAULT, 2008) e os poderes que a constituem.

É importante ressaltar que a ação do poder, enquanto regulador da verdade, contudo, não acontece de forma opressora, na visão de Foucault (2010). O poder, nessa dimensão, é um plano que envolve mecanismos e estratégias de controle social, sendo ele próprio um fruto da sociedade e a ele pertencendo a verdade. Sobre isso, destaca que não há verdade fora do poder ou sem poder, visto que

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2010, p. 10).

Neste ponto, faz-se necessário considerar a concepção já citada sobre a formação de saberes enquanto práticas complexas, as quais não é possível descrever de forma linear. Por isso, Foucault esclarece que o poder não está apenas nas instituições que gerenciam nações. A sociedade, em si, é formada *por* e formadora *de* poderes. Logo, as verdades são construídas nas interações entre esses diferentes poderes.

Por isso, ele aponta inconvenientes no uso de dois termos recorrentemente associados ao termo poder, sendo eles repressão e ideologia. Ao tratar sobre repressão, ele afirma:

quando se definem os efeitos do poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. [...] Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que

curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2010, p. 8).

Acerca de ideologia, ele trata a noção como dificilmente utilizável e que não deve ser usada sem precauções, visto que se apresenta sempre em uma oposição virtual a alguma coisa que seria “a” verdade (FOUCAULT, 2010) e pressupõe a autonomia dos sujeitos, em optar por essa ou aquela ideologia.

Assim, depara-se com duas conjecturas: a de uma verdade absoluta, à qual a ideologia se opõe virtualmente; e a de um sujeito autônomo. Logo, é compreensível o alerta de Foucault para o uso deliberado do termo ideologia, visto que, de acordo com ele, a verdade não é absoluta, mas uma construção; e não é possível atribuir autonomia a um sujeito que é, primordialmente, produto de seu tempo e espaço social.

Creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. (FOUCAULT, 2010, p. 7).

Para escavar saberes que são retomados nos enunciados a serem aqui estudados, portanto, é fundamental descrever e analisar a ordem discursiva que os rege, inerente ao campo político, levando em consideração as relações de poder entre as instituições envolvidas, sobretudo, neste caso, os partidos e a mídia.

Partimos para o contexto no qual emerge o objeto de estudo desta análise: o século XXI, no qual se fortalece a sociedade da informação⁸, caracterizada por uma intensa circulação de informações, que é facilitada pelas mídias de massa e pela *web*, principalmente pelas redes sociais.

O bombardeamento de informações contribui para uma nova dinâmica de cidadania e do fazer político, também marcado pelo que estudiosos denominam como espetacularização e midiaticização da política. Esse deslizamento produzido, em termos sociais, econômicos e discursivos, se desenvolve com o despontar da mídia televisiva.

⁸ Werthein (2000) aponta o termo “sociedade da informação” como forma de transmitir o novo modelo técnico-econômico característico da dinâmica social do século XXI, marcada por um novo paradigma: o da tecnologia da informação, no qual o avanço tecnológico desenvolve-se de forma a acompanhar o consumo por informações, fundamental matéria-prima neste cenário.

A linguagem audiovisual afeta diversos campos, trazendo a possibilidade de comunicação com as massas e mudando a estrutura midiática, entre 1960 e 1990. Acompanhando essa transição, o campo político transforma-se e passa a ser retratado como um espetáculo, “um objeto de contemplação, de observação, de olhada e, por um desvio nada casual, um objeto de sedução, de comoção”. (DAGATTI, 2018, p. 275). Nesse processo, há uma transição do que é conhecido como “língua de madeira”, característica que marca um discurso no qual a máquina política é evidenciada e o sujeito falante apagado; para a “língua de vento”, na qual se evidencia um sujeito falante em detrimento do discurso partidário, valorizando a expressão da subjetivação e dando amplas margens para o lugar de destaque do homem político (PIRES, 2013).

Através dos estudos de Patrick Sériot em *La langue du bois et son double* (1986), a noção da língua de madeira é marcada precisamente pelos discursos da União Soviética, caracterizada por ser uma língua totalitária e fechada (PIRES, 2013). De certa forma que remanesce em um campo de memória a associação do comunismo a governos ditatoriais e totalitários.

Contudo, os acontecimentos geram um processo de adaptação desta língua para a língua dos ventos, que alça vãos e alcança mais lugares: deixando os púlpitos em praças públicas e o contato direto com um grupo específico de militantes partidários, os homens políticos então deparam-se com câmeras que transmitem para um grande público nacional e um tempo limitado determinado pela grade de programação. Assim, sua fala passa a ser cada vez mais polida e ganha uma aura publicitária. Logo, os princípios do partido passam a ser vendidos em um produto: o homem público.

Sobre isso, Courtine (2003) disserta que há uma narrativa que explora a imagem do homem privado sob o personagem público, estimulando uma recorrente manutenção da imagem de si, por meio de uma política de gestos, postura e voz. Registrando cenas rotineiras, pode-se observá-lo de forma mais humanizada e em suas aparições públicas, é possível avaliar a credibilidade e firmeza no modo como enuncia seus discursos. Essas estratégias são fortalecidas para que sejam geradas emoções na audiência, promovendo uma identificação e confiança. Courtine aponta que

as técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso-central da representação política. É como se passasse de uma política do texto, veículo de ideias, para uma política da aparência, geradora de emoções. (COURTINE, 2003, p. 25).

O processo de midiaticização da política, e seu respectivo caráter de espetáculo, passa então por mais mudanças a partir dos anos 2000, com a popularização cada vez maior da internet e o surgimento das redes sociais. Essas mudanças podem ser observadas não apenas na forma de produção e circulação do discurso político como nas práticas relativas a esse campo, tanto partindo dos homens à frente de cargos eletivos como emergindo da própria população eleitora, em seu exercício de cidadania. Assim,

os processos de interação com os meios massivos de comunicação e com os meios baseados na Internet têm gerado não apenas novos tipos de discursos políticos e novos modos de fazer campanha, por exemplo, mas também novos modos de consumir a política, de participar na política e de avaliar ou controlar as operações do campo político. (VERÓN, 2007; CARLÓN, SCOLARI, 2009; *apud* DAGATTI, 2018, p. 283).

Isso acontece porque as redes sociais estão inseridas em um ambiente virtual, chamado ciberespaço, que permite uma comunicação interativa entre os usuários. Assim, os políticos deparam-se com um espaço que permite contato direto com os eleitores e faz emergir uma necessidade de adaptação quanto à forma de emitir as suas falas.

Recuero (2009, p. 30) afirma que “as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores”. Assim, tornando-se atores sociais no ciberespaço, figuras públicas podem gerenciar os laços sociais que formam com outros usuários e com a cultura ali estabelecida.

Observa-se o desenvolvimento de uma nova configuração da espetacularização discursiva política. Abandonando os púlpitos e as multidões, os representantes políticos já não habitam apenas a tela da televisão, mas passam sobretudo a marcar presença nas múltiplas telas a partir das quais é possível acessar o ciberespaço. Dessa forma, além da humanização dos representantes políticos, há uma maior acessibilidade ao contato estabelecido com eles. Pode-se mandar mensagens que eles receberão direta e imediatamente, sem a necessidade da mediação por parte de veículos de informação.

Nessa esfera, ainda há uma política da imagem de si. Contudo, de forma menos literal que na linguagem audiovisual. Trata-se aqui da representação desta imagem, traduzida para o ciberespaço, sendo este caracterizado pela cultura participativa⁹ e intensa interatividade entre os atores.

⁹ O conceito de cultura participativa é apresentado por Henry Jenkins (2007) enquanto um conjunto de práticas sociais contemporâneas que marcam uma sociedade na qual é fortemente estimulada a criação e divulgação de conteúdos voltados para expressão artística e engajamento cívico.

Este cenário, portanto, oferece novas oportunidades e dificuldades no fazer político. Como exemplo das primeiras, está a praticidade no registro e arquivamento das propagandas políticas, anteriormente veiculadas na televisão apenas durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) e por meio da divulgação em jornais e panfletos.

Na última década esse quadro se modificou. Diante desse arquivo que é a internet, é possível não só rever a qualquer tempo os programas do HGPE; mas também conversar com o candidato e ter acesso aos diálogos entre os candidatos e seus eleitores, por meio das várias redes sociais como Twitter, Facebook, MySpace, Badoo e muitas outras que possivelmente surgirão nos próximos dias. (SARGENTINI, 2015, p. 216).

Já entre as dificuldades, está a de acompanhar a intensa produção de conteúdo das redes e a adesão de um público cada vez maior para acompanhar os perfis políticos. O HGPE, por exemplo, é um formato impositivo de propaganda, no qual o eleitor é levado ligar a televisão e a assistir aos vídeos em sequência até chegar o momento do partido com o qual se identifica. Já pelas redes sociais, o conteúdo é oferecido de acordo com tópicos de interesse do usuário.

Assim, perfis com baixo engajamento político e que não consomem conteúdos afins, dificilmente receberão publicações de candidatos ou figuras políticas, a não ser que busquem diretamente essas páginas. Desse modo, surge uma “necessidade de criar nas redes sociais uma forma de chegar a esse eleitor que o leve, de modo que não pareça impositivo, a ver a propaganda política.” (SARGENTINI, 2015, p. 222).

Desse modo, observa-se o crescimento de redes que facilitem a circulação dessas informações de forma não-impositiva, como o Twitter. Fundado em 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, a ferramenta de micromensagens que delimita o conteúdo textual de uma publicação a 280 caracteres foi caracterizada inicialmente como um microblog, levando em consideração que a função do blog é registrar conteúdos em formato de diários virtuais. Contudo, o uso e apropriação da rede pelos usuários através de diferentes práticas de interação social e desenvolvimento de diferentes funcionalidades fez com que a plataforma passasse a ter um caráter de um site de rede social, permitindo conexões entre os atores e tornando-as públicas no ambiente virtual (RECUERO; ZAGO, 2010).

A interface do Twitter subdivide-se em quatro tipos de páginas da web¹⁰: a página inicial, onde pode ser consultada a *timeline*, exibindo um fluxo de tuítes das contas as quais o

¹⁰ Concebe-se o termo página da web como referente aos documentos que podem ser renderizados em um navegador da web como Firefox, Google Chrome, Opera, Microsoft Internet Explorer, ou Safari da Apple. Esses

usuário optou seguir, e apresentando um fragmento dos *trending topics*; as páginas “quem seguir” e o “que está acontecendo”, que possuem, respectivamente, uma lista automatizada de contas sugeridas para que o usuário siga; e a lista dos *trending topics*, organizados por tendências regionais e nacionais. Por fim, existem as páginas de perfil, que exibem informações as quais o usuário pode optar por compartilhar publicamente, assim como todos os tuítes que publicou (TWITTER, on-line).

Por também se comportar como importante canal de difusão de informações, tornou-se meio popular de divulgação do discurso político, por possibilitar uma comunicação mais imediata dos acontecimentos em detrimento de outras mídias (PIRES, 2013) e dar destaque a tópicos populares entre as publicações, por meio dos *trending topics*.¹¹

Confirmando a credibilidade atribuída ao Twitter na busca por informações relacionadas ao campo político, pesquisa realizada em 2018 pela equipe desta rede social, na qual foram consultados cerca de 2 mil usuários brasileiros, apontou que quase 70% dos entrevistados afirmaram ter como hábito acessar o Twitter com regularidade para descobrir o que está acontecendo na política nacional, sendo que 66% destacaram a obtenção de informações em tempo real como a característica mais importante do Twitter para este fim. E, entre os usuários que participaram da pesquisa, apenas 18% disseram que não usam a rede social para se informar sobre política, preferindo outras fontes (GNIPPER, 2018).

É possível observar, nesse sentido, que o Twitter atende a demandas da nova configuração do fazer político e torna-se um espaço de exercício de poderes, efetivados principalmente pelos partidos e representantes desses. Além da dinâmica rotatividade das publicações, também disponibiliza um espaço de produção de conteúdo propício ao caráter publicitário adquirido por esse discurso: mensagens concisas, direcionadas a um público específico (seguidores), mas que também podem obter maior visualização, caso despertem interesse público.

Assim, estimula os embates partidários e as discussões acerca de programas de governo, facilitando o controle de diferentes regimes de verdade (visto que, diante do grande volume de publicações e seu rápido desaparecimento da *timeline*¹², apagamentos e edições são facilitados) e tornando-se materialidade do ato de encenação política. Essas trocas

documentos podem possuir uma variedade de recursos incorporados a eles, como informações de estilo, scripts e mídia. (MDN Web Docs, s.d.) A forma como esses recursos são aplicados nas páginas da rede social é o que define o que caracteriza uma página de perfil, por exemplo.

¹¹ Tópicos-tendência, em tradução livre. Por meio da ferramenta, o Twitter lista os tópicos mais citados em publicações da rede no momento.

¹² A palavra, que em inglês significa “linha do tempo”, é usada nesse contexto para identificar a página inicial de uma rede social, que reúne as publicações mais atualizadas ou com mais destaque da rede de contatos do usuário.

comunicativas podem ocorrer tanto por perfis cuja identidade condiz com o autor de seu conteúdo, como por perfis *fake*, como o Dino Debochado.

2.3 Perfis fake no Twitter e as estratégias discursivo-argumentativas

Os perfis *fake* recebem essa alcunha por desenvolverem uma representação digital que não é a do usuário, construindo assim uma identidade falsa e que tem origem no ciberespaço. Ressalta-se que esses tipos de perfil não são exclusivos ao Twitter, de forma que Mocellim (2007) os identifica e categoriza, de acordo com estudo realizado sobre a rede Orkut. Para ele, existem quatro tipos de *fake* (p. 114-115):

- a) Os *fake* obviamente falsos, no caso personagens que não existem e que, devido a certas características consideradas pelos usuários bizarras, satíricas, estranhas ou excêntricas, são facilmente percebidos como *fakes*. Normalmente deixam transparecer intencionalmente que são falsos.
- b) Os *fakes* que buscam copiar personagens ou alguma pessoa real. Nesse caso podemos encontrar personagens de programas de TV (filmes, novelas, seriados, etc.), personagens de desenhos animados, atores e músicos famosos, entre outros. Nesses casos, apesar de normalmente tido como óbvio que trata de um perfil falso, existe um grande número deles que “incorpora” o personagem que veste, e responde por ele. Outros tentam realmente convencer de que são quem se propõem ser, ou deixam claro que são *fakes*.
- c) Os *fake* espões: são contas de usuários criadas com o fim único de investigar os perfis de outros usuários sem serem percebidos. Normalmente, caso utilizem nomes, tendem a se utilizar de nomes bizarros, e ter o perfil bastante vazio. Nomes como “Eu fuzei mesmo”, “Agente Secreto”, “Olho que tudo vê”, ou mesmo outros nomes que não tenham muito sentido, ou mesmo a ausência de qualquer informação no perfil, podem indicar que seja um perfil espião. Essa prática se tornou muito popular como solução para poder navegar com privacidade no Orkut.
- d) Os *fakes* que se propõem como pessoas verdadeiras. Adotam nomes, adicionam amigos, colocam fotos, entram em comunidades, enviam recados, como se fossem uma pessoa. Normalmente é uma pessoa “nova”, no sentido de não ser uma cópia de alguém existente, copiando no máximo fotografias de alguém. Esses *fakes* exibem uma maior preocupação com as informações dos perfis, pois tentam passar por meio delas um grau de verdade – buscam por meio do que escrevem e postam no perfil ser reconhecidos como reais.

Tratando do Twitter, esses tipos de perfil também aparecerão, com algumas diferenças que são resultantes das práticas sociais próprias a essa rede e suas funcionalidades. Reconhecido pelo seu destaque em promover conexões entre atores que não necessariamente se conhecem e estabelecem uma relação exterior ao ambiente virtual, o Twitter permite que os usuários se conectem por meio da ferramenta *follow*, traduzida como “seguir”. Ao adicionar um perfil em sua lista de “seguidos”, o usuário concorda em assinar um canal de informações cujo conteúdo aparecerá ativamente em sua *timeline*, com a possibilidade inclusive de serem comunicadas externamente através de notificações enviadas aos aparelhos nos quais a conta está conectada (celular ou *tablet*, por exemplo).

Por isso, perfis *fake* do tipo a e b passam a integrar práticas do Twitter e a propagar-se na rede, diante de um interesse dos usuários em acompanhar o conteúdo dos personagens construídos, por seu teor bizarro, satírico ou pela referência de desenho ou imagem de pessoa pública que se busca retratar nas publicações. Desta forma, o campo político passa a ser afetado por essas práticas no ciberespaço e surgem os perfis *fake* de figuras que ocupam cargos públicos, que se popularizam no país, principalmente após as eleições de 2010.

Familiares às características do tipo b de perfis *fake*, seguindo a classificação de Mocellim, os perfis de políticos usam a imagem de figuras públicas, desenvolvendo uma paródia acerca delas e visando produzir conteúdo de entretenimento e humorístico. A partir de discursos circulantes que envolvam a personalidade e seu posicionamento no campo político, constrói-se uma nova narrativa e, por isso, esses perfis passam a atuar como importantes meios de circulação de saberes que são instituídos no ciberespaço. Aponta-se que

[...] o jogo discursivo do perfil fake não é fazer os seguidores crerem que estão seguindo e interagindo com a celebridade real, mas, sabendo que se trata de uma ficção, divertir-se com enunciações e discursos possíveis e imaginários, segundo um ponto de vista que mescla a lógica discursiva do parodiado e a lógica discursiva do parodiador. (FILHO; ALEXANDRE, 2012, p. 772).

Em meio à espetacularização digital, as práticas sociais do campo político estabelecidas no ciberespaço permitem o surgimento de perfis como esses, assim como a apropriação de uma forma de comunicação própria a esta nova materialidade, o Twitter. Entre os perfis desse tipo que foram criados no cenário da política brasileira, está a Dilma Bolada,

que parodia a ex-presidente do Brasil, Dilma Rousseff (@dilmabr¹³); o Haddad debochado (@HaddadDebochado), referente ao ex-prefeito de São Paulo e candidato à Presidência do Brasil durante as eleições de 2018, Fernando Haddad; e mesmo o Dino Debochado, foco deste estudo. Observa-se que muitos destes perfis representam políticos filiados a partidos de esquerda, como no exemplo, os petistas Haddad e Dilma, e o pecedebista Flávio Dino.

Existem perfis que representam figuras públicas de outros partidos, mas possuem um perfil de conteúdo diferente dos anteriores: configuram críticas a essas pessoas, recorrendo a memórias de fatos relacionados a elas. Como por exemplo o perfil fake de Paulo Maluf (@SalimMaluf), que constrói o humor a partir das acusações de corrupção contra o ex-governador de São Paulo. O próprio presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, é alvo de um destes perfis, o @Jairbolsofake.

Considerando então as redes sociais como espaço no qual se busca, majoritariamente, estabelecer conexões e difundir informações, esses perfis tornam-se uma estratégia de interação, buscando engajamento e, para isso, mobilizando arquivos e campos de memória, a fim de produzir conteúdos relevantes. A partir disso, observa-se a partir da identidade falsa irrompe uma nova posição sujeito, que pertence às FDs circuladas pelo perfil. É possível inferir também que há um exercício de micropoder por parte destes perfis, visto que se utilizam de recursos discursivo-argumentativos para circular “verdades” e saberes relacionados a um determinado posicionamento político-partidário. Destarte, esses recursos inserem-se em estratégias aplicadas para o controle do discurso, promovendo os procedimentos de exclusão já abordados.

Sobre esses recursos, pontua-se a relevância da retórica para o discurso político. Gregolin (2020) ressalta a importância da retórica para o poder do discurso, retomando as origens da Retórica Antiga, na Grécia Clássica. Caracterizada pelas importantes discussões relativas à cidade (*polis*), realizadas em praça pública, a sociedade grega deste período enfatizou a importância do domínio de palavras e argumentos para a manutenção do poder, desenvolvendo a arte retórica.

Essa é a origem do sentido de discurso político. É o discurso que diz respeito à cidade, à polis. Por terem consciência desse uso da argumentação, os gregos desenvolveram a arte retórica, (...) que vai formar os grandes produtores de discurso,

¹³ No Twitter, as trocas de mensagens ocorrem pelo direcionamento de mensagens pelo uso do sinal “@” acompanhado do nome de usuário cadastrado no perfil. Essa junção também ficou convencionada como a referência de identificação dos usuários desta rede, utilizada em outros canais. No Youtube, por exemplo, criadores de conteúdo usualmente convidam seus seguidores a acompanhá-los também no Twitter, com sentenças como “me segue lá, sou o @fulano.”

que vão ser as pessoas que vão ter muito poder nessa sociedade, porque vão dominar as técnicas de controle do discurso, de construção do discurso (GREGOLIN, 2020, on-line).

Por meio da retórica, é possível ao sujeito enunciador apresentar suas ideias de forma a persuadir alguém de algo. Para isso, ele usa de uma argumentação, tomada aqui como um feixe de estratégias colocadas em prática nos diferentes discursos, que visam fazer passar ideias, influenciar um dado público e, se possível, modificar seus julgamentos a respeito dessa ou daquela questão (MACHADO, 1995).

Definindo a retórica como “a arte do orador, a arte de discursar em público e influenciar um auditório”, Angenot (2015, p. 150) ressalta que da Antiguidade grega advém também outras duas técnicas do discurso, sendo elas “a dialética, técnica da discussão serena entre indivíduos motivados por um mesmo desejo de buscar a verdade; e a erística, arte da controvérsia, da disputa, técnica da ‘guerra’ argumentativa.” (ANGENOT, 2015, p. 150).

O autor esclarece que o jogo retórico implica em uma negociação entre indivíduos sobre uma dada questão. De um lado, há as negociações serenas e pacíficas, com a dialética; de outro, “figura a erística, em que se trata de ter razão a qualquer preço, de derrubar o interlocutor transformando em ‘adversário’, e de ganhar a partida com palavras.” (ANGENOT, 2015, p. 150). As intenções da erística refletem comportamentos próprios à natureza humana e das relações que se estabelecem socialmente. Assim, observam-se situações em que não há a intenção de influenciar o outro, mas um desejo de impor sua verdade e derrubar o opositor, partindo para a intimidação, muitas vezes através de uma figura de autoridade, como imposição de um poder.

A erística é como uma luta de boxe, porque a disputa é um espetáculo que supõe um público, cruel e não tão exigente quanto aos meios, que conta os golpes e fica satisfeito de ver um dos debatedores, qualquer que seja, ser derrubado. Para terminar a partida, podemos jogar a toalha, podemos ganhar por nocaute, ou por pontos; o público é levado a arbitrar por suas aprovações e suas vaias. (ANGENOT, 2015, p. 151).

Vale ressaltar que, assim como apontado por Foucault, a verdade é construída a partir de conjuntos de práticas sociais e reconduzida pela forma como os saberes são aplicados em uma sociedade. Então, as estratégias retóricas do sujeito enunciador para com os sujeitos interpretantes circulam discursos que formam objetos dos saberes e serão moldadas de acordo com o cenário sócio-histórico no qual acontece o processo de enunciação.

Sobre isso, Gregolin (2016) ressalta que a questão retórica aparece mais explicitamente na obra foucaultiana no momento genealógico, ao tratar da ordem do discurso e os procedimentos de controle discursivo. Dessa forma, “as análises da genealogia do poder tratam dos jogos estratégicos no interior de dispositivos cuja função é produzir e reproduzir as vontades de verdade de uma época”. (GREGOLIN, 2016, p. 3215).

Por isso, ao tratar sobre uma aproximação do discurso e da retórica, Foucault aponta para uma retorização da filosofia, na qual se faz necessário estudar o discurso como “procedimentos retóricos, maneiras de vencer, de produzir acontecimentos, de produzir decisões, de produzir batalhas, de produzir vitórias.” (FOUCAULT, 2002, p. 142).

Nesse sentido, é possível analisar que no discurso político são mobilizadas diferentes posições-sujeito, que se articulam com o sujeito estrategista em um jogo retórico, voltado à busca pela adesão do público ao regime de verdade que os institui, ou uma disputa erística, cujo objetivo é vencer o opositor, descredibilizando-o e deixando-o na defensiva. Por exemplo, é possível observar diferentes subjetivações do sujeito comunista no decorrer da história, que estão inseridas no dispositivo partidário e que, em um jogo estratégico, determinarão diferentes saberes acerca do comunismo, de modo a estabelecer um regime de verdade que está de acordo com as práticas discursivas de sua época, simultaneamente correspondendo às instituições de poder nas quais estão inseridas e as beneficiando.

Assim, as relações referentes ao campo político, incluindo as trocas comunicativas realizadas pelos perfis *fake*, utilizarão destas ferramentas em prol das instituições que os regem. Diante disso, torna-se fundamental para esta pesquisa abordar o poder do riso, ferramenta popular no discurso político. Retoma-se, por isso, as três provas artísticas de persuasão que são apontadas por Aristóteles nas bases da Retórica Antiga: o *ethos*, derivado do caráter do autor; o *pathos*, derivado da emoção despertada pelo orador nos ouvintes, e o *logos*, derivado de argumentos verdadeiros ou prováveis. (ARISTÓTELES *apud* PIRIS, 2012).

Sobre isso, Dante Tringali (1988) aponta que as provas retóricas se dividem em duas categorias, sendo elas: lógicas, subdivididas em silogismos (entimema) e exemplos; e psicológicas, subdivididas em argumentos éticos e patéticos.

Cabe aqui ressaltar apenas as últimas, sobretudo os argumentos patéticos. Como é possível deduzir pelo seu nome, os argumentos patéticos evocam o *pathos* e buscam persuadir “comovendo através de emoções e paixões.” (TRINGALI, 1988, p. 77).

Neste sentido, argumentos patéticos podem ser valiosos no discurso político, principalmente considerando o cenário da espetacularização e da cibercultura. Submetidos a recorrentes bombardeios de informações, os eleitores tornam-se mais propensos a dirigir sua atenção para mensagens que lhes despertem emoções, destacando-se das outras.

Sobre isso, o riso será utilizado como ferramenta para captar essa atenção. O poder que possui em estratégias retóricas é estudado desde a Retórica Antiga, no qual foi descrito como poderoso mecanismo para exaltar emoções. Tringali (1988, p. 78) aponta que “o riso possui força persuasiva, concilia os ânimos, descontraí e, quando inteligente, atrai admiração sobre o orador”.

Em sua obra *Tratado da Argumentação*, Perelman e Tyteca (2005) também abordam o papel do riso na retórica. Contudo, abordam-no como sanção para o argumento do ridículo, tratando, portanto, de um riso que não é aquele desprezível e ingênuo, o riso provocado pelo humor, que perdoa, “passa por cima”, mas um riso de exclusão (MACHADO, 1995).

Os autores apontam o ridículo como uma arma eficiente para que o orador desarme pessoas que eventualmente deixem de aderir a uma ou outra premissa de seu discurso ou posicionem-se como suas opositoras, abalando sua argumentação. Neste sentido, argumentos deste cunho podem ser observados recorrentemente em cenários do discurso político, sendo aplicados por meio de estratégias discursivo-argumentativas, principalmente a ironia e a derrisão.

Esclarecemos o uso do termo estratégias discursivas como marcador da função enunciativa exercida pelos enunciados na produção de sentidos em discursos nos quais sejam aplicadas essas estratégias com fins retóricos, de persuasão. Assim, a ironia se mostra efetiva apenas quando há um reconhecimento de campos de memória fundados por arquivos e formações discursivas, supondo dos sujeitos “conhecimentos complementares acerca de fatos, de normas.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 237).

Isso porque a ironia, em um argumento, busca produzir um sentido contrário ao que se fala. Por isso, como aponta Benetti (2007), a força da ironia está na cumplicidade entre os sujeitos e para que ela se faça legível, é necessário que esses dominem o mesmo escopo de informações, que ressaltamos aqui como o mesmo domínio de memória, compartilhando os mesmos arquivos sobre os objetos discursivos abordados no processo de comunicação.

Neste sentido, ressalta-se a compreensão foucaultiana acerca da memória. Sobre isso, Foucault aponta que o campo enunciativo compreende um domínio de memória, que acolhe enunciados “que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais,

consequentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica.” (FOUCAULT, 2009, p. 64).

O mesmo acontece com a derrisão, que também retoma o argumento do ridículo, porém evocando o riso como meio de amainar um argumento de cunho mais desprezível. O objetivo da derrisão enquanto estratégia discursivo-argumentativa é desqualificar algo ou alguém, utilizando-se, portanto, do riso de exclusão para isso.

A autora Márcia Furtado (2014, p. 342) aponta que a derrisão pode ser considerada um dos recursos enunciativos mais antigos advindos da época clássica, batizada pelos retóricos clássicos como “tropos zombeteiros”, estratégia retórica utilizada para desqualificar o opositor por meio da zombaria.

Sobre o uso do termo recursos enunciativos, ressalta-se neste ponto que Foucault, ao tratar dos discursos, reconhece que, no nível enunciativo, eles são compostos por signos. Contudo, em um plano geral, o que os discursos fazem é “mais que utilizar esses signos para designar coisas” (FOUCAULT, 2009, p. 55), por isso não é possível reduzi-los à língua e à fala. Assim, ironia e derrisão exercem funções em um nível enunciativo, contudo a produção de sentidos apenas é completa quando observada no nível discursivo, que compreende a articulação do contexto histórico, dos saberes mobilizados e dos poderes implícitos nas formações discursivas que constituem determinada troca comunicativa.

Sobre as diferenças entre a ironia e a derrisão, Baronas (2005, p. 107) aponta que

enquanto o locutor da ironia coloca em cena um enunciador, cuja alocação não pode assumir explicitamente, deixando essa responsabilidade para o seu destinatário, o locutor da derrisão assume o que diz, contudo os efeitos do seu dizer são atenuados ora pelo efeito de escárnio que provoca, ora pela mobilização de um discurso outro já legitimado na sociedade.

O uso da ironia e da derrisão permitem, no discurso político, produzir a exclusão de um outro, tornando-o digno de risos. São ferramentas que se tornam muito úteis nos embates partidários, no qual os sujeitos circulam discursos de forma a promoverem a si mesmos em detrimento da interdição das verdades propostas por seus oponentes. Ao desqualificá-los com tiradas derrisórias ou criticar suas ações em afirmações irônicas, passam ao auditório uma mensagem de que não são merecedores de credibilidade, validando apenas seu próprio regime de verdade.

Explanado o embasamento teórico que dará suporte a esta pesquisa, no próximo capítulo serão abordados aspectos do arquivo comunista, no qual estão inseridas as

publicações do Dino Debochado. Isso se dá pelo destaque que tem a identidade comunista na carreira de Flávio Dino, político alvo de diversas discussões acerca da possibilidade de administrar uma gestão comunista em um cenário sócio-econômico no qual prevalecem hábitos coletivos capitalistas.

Segundo o arquivo comunista, tanto Flávio Dino quanto Dino Debochado produzem novos sentidos sobre tal regime político, recorrendo inclusive à ironia e à derrisão no processo. Ambos ocupam uma posição-sujeito própria aos moldes contemporâneos do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), contudo as práticas discursivas que efetuam (caracterizadas pela materialidade à qual recorrem e a construção sócio-histórica à qual estão submetidos, sobretudo posições de poder que ocupam) culminam em diferentes irrupções e descontinuidades nas formações discursivas que circulam sobre o objeto comunismo.

Buscando apreender essa produção de sentidos, será realizada uma leitura histórico-discursiva sobre aspectos do arquivo comunista que estão conectados com os enunciados observados no Twitter Dino Debochado.

3. CAPÍTULO II: ARQUIVOS COMUNISTAS

Tratar sobre arquivos comunistas não é um exercício simples. Assim como diversos temas relativos ao discurso político, muitos apagamentos são promovidos de modo a corroborar para o regime de verdade imposto por diversas instituições na história. Os embates de poder que são regidos pela vontade de verdade, por sua própria natureza de estar em constante movimento, também caracterizam os discursos circulantes como não estáticos, estando eles submetidos frequentemente a mudanças. Considera-se, a partir do que foi apontado no tópico anterior, que essas transições também estão relacionadas às novas formas de se comunicar e as ferramentas utilizadas nesse processo, como no caso deste estudo, as redes sociais.

A fim de apresentar saberes instituídos sobre o comunismo, que repercutem nos dias atuais e promovem irrupções e retomadas de enunciados, será proposto inicialmente um conjunto de acontecimentos históricos sobre o regime político e, a partir disso, serão explanados acontecimentos discursivos que afetam os arquivos comunistas ativos contemporaneamente. Assim, demarcam-se dois momentos históricos que decalam a consolidação e validação do movimento comunista: a Revolução Industrial e a Guerra Fria.

3.1 Panorama histórico e arquivo didático comunista

Marco histórico e discursivo, a Revolução Industrial promoveu uma significativa alteração estrutural da sociedade, principalmente no tocante a aspectos econômicos e sociais. Deu início a um processo que concluiu na consolidação do capitalismo como modo de produção dominante, definido, portanto, pela “separação definitiva entre o capital e o trabalho, pela consolidação do trabalho assalariado, pelo controle da burguesia capitalista sobre a produção e pela formação de uma nova classe social, o proletariado.” (COGGIOLA, 2016, on-line).

Diante desse cenário, o comunismo desponta enquanto proposta de regime político opositor à opressão capitalista, um protesto do proletariado contra o domínio da burguesia e das disparidades entre as classes sociais. Nesse sentido, associa-se fortemente com o socialismo, sendo os termos usados recorrentemente como equivalentes. Essa associação, assim como a construção do saber que convencionou o comunismo nos termos de um regime político, com diretrizes que definem a busca por uma soberania do proletariado, assim

traçando como objetivo central uma economia e gestão de proletários à frente da nação, está inserida em um arquivo didático-histórico e integra a narrativa linear construída nos moldes da História tradicional e materializada em livros e materiais escolares dessa disciplina.

Sobre essa narrativa, a literatura corrobora que, ainda que os termos comunismo e socialismo sejam recorrentemente utilizados como sinônimos, ambos são concebidos como fases diferentes de um mesmo modo de produção. A associação entre os dois configura em um enunciado que é circulado externamente ao arquivo didático-histórico e que é enunciado por opositores ao movimento comunista para descredibilizá-lo.

Sobre isso, Harnecker e Uribe (1981) apontam que Karl Marx, um dos grandes nomes do estudo científico sobre o comunismo, esclarece que a sociedade visada para substituir a capitalista não pode ser construída de um dia para o outro, e que a “sociedade comunista” distingue-se em duas etapas:

uma inferior, na qual se conservam muitos vestígios da sociedade capitalista, e uma etapa superior, em que se põem totalmente em prática os princípios da nova sociedade. A etapa inferior foi denominada por Lenin de socialismo utilizando o termo comunismo para referir-se exclusivamente à fase superior. (HARNECKER E URIBE, 1981, p. 15).

A historiadora Cristina Meneguello (SUPERINTERESSANTE, 2018, on-line), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), aponta que o comunismo seria resultado de uma sociedade socialista. Para ela, “no socialismo, a sociedade controlaria a produção e a distribuição dos bens em sistema de igualdade e cooperação. Esse processo culminaria no comunismo, no qual todos os trabalhadores seriam os proprietários de seu trabalho e dos bens de produção”. Para transitar politicamente do socialismo para o comunismo, seria então necessária a instauração de uma ditadura do proletariado, para efetivar a tomada de poder da burguesia pelos trabalhadores e permitir ao Estado adaptar-se ao modo de governo comunista marxista, baseado no domínio completo dos meios de produção pela classe operária.

Uma diferença fundamental entre os dois regimes político-econômicos e que marca a transição de um para o outro é a de que no Socialismo há a figura do Estado proletário, ou seja, uma estrutura social que é conduzida pela classe operária, sendo essa quem garante que os meios de produção passem a ser distribuídos para o povo e não estejam mais concentrados nas mãos de poucos. Mantém-se outras classes sociais, sendo dissolvida a classe considerada “exploradora”. Já no comunismo, há a dissolução do Estado e das classes sociais. Neste ponto, observa-se que o alicerce de fundamentação desses conceitos emerge através das relações de poder entre classes sociais, no qual uma domina e explora a outra de forma a

centralizar para benefício próprio os meios de produção. Na medida em que essas relações mudam, também são alteradas as concepções de comunismo e socialismo.

Sobre o uso do termo ditadura, Harnecker e Uribe (1981) esclarecem que não se trata de um governo violento, mas da complexidade demandada pela reorganização econômica e social necessária para que se alcance o comunismo. Assim, esclarecem que, tratando da ditadura do proletariado, sua “característica principal não é a violência. O aspecto principal é a organização e a disciplina da classe operária, como grupo da sociedade que dirige o resto dos trabalhadores na construção da nova sociedade.” (HARNECKER E URIBE, 1981, p. 26). Propõe-se, assim, uma ressignificação do termo ditadura, a partir da circulação de FDs que anulam o aspecto violento e repressor de governos que são conduzidos por ditadores.

O antagonismo entre comunismo e capitalismo chegou ao seu ápice com a Guerra Fria (1945-1991), nome dado ao período de disputas estratégicas entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em um conflito político, militar, tecnológico e social (MORETTI, 2012). As disputas marcam um jogo de influências definido pela polarização mundial entre capitalismo *versus* comunismo/socialismo e tiveram início após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando se formou na Europa um bloco de nações comunistas liderado pela União Soviética, que entraria em conflito com os Estados Unidos e seus aliados.

Em 1989, o conflito culminou com a derrubada do Muro de Berlim, grande símbolo do poder entre as duas frentes (capitalista e comunista) que dividiu o espaço da cidade de mesmo nome em dois territórios, separando famílias e segregando a nação. A União Soviética então já não tinha poderio suficiente para manter o embate e, com o fim do muro, as práticas capitalistas expandiram-se em âmbito socioeconômico. A data é considerada marco da “vitória” do capitalismo, fim do bloco socialista e da proposta comunista. Contudo, há países atualmente cujo regime de governo é intitulado como comunista e contribuem para novas significações do modelo político, outrossim como para múltiplos conhecimentos acerca do objeto comunismo.

Os resultados da Guerra Fria impactaram o mundo e podem ser observadas muitas marcas históricas e discursivas que remontam a esse momento inicial da polarização estabelecida entre comunismo e capitalismo, mas passam por mudanças e adequações ao contexto político e social, de acordo com o momento histórico no qual se vive.

Os governos ditos comunistas que atualmente coexistem em um cenário predominantemente capitalista ainda são frutos de diversas discussões, que promovem

movimentos discursivos que permanecem em constante dinâmica. Alguns destes movimentos discursivos são determinados também por conjecturas atuais, como por exemplo os conflitos entre os Estados Unidos e a China, sendo estes as representações contemporâneas da dualidade comunismo e capitalismo.

A nação asiática é governada há 70 anos pelo Partido Comunista da China (PCC), e atualmente é governada pelo presidente Xi Jinping. O regime político instaurado ficou popular por ser centralizado (o partido controla todo o país, passando pelo governo, polícia e exército), reprimir dissidências e não permitir partidos de oposição (BBC, 2019). As tensões estabelecidas com os Estados Unidos são essencialmente econômicas e comerciais. Além da disputa entre os dois países pela posição de maior economia do mundo, outras tensões se estabeleceram entre eles, ficando conhecidas como “Guerra Comercial”.

O conflito teve início em 2018, quando o então presidente norte-americano, Donald Trump, fez o primeiro anúncio de tarifas impostas sobre produtos chineses. Desde então, ele segue anunciando tarifas sobre esses produtos importados da China, dificultando sua chegada no país norte-americano, o que estimularia a produção local. Foram realizadas tentativas de acordo, negociações de tréguas e novas ameaças, sem que a situação chegasse a uma solução definitiva (TREVIZAN, 2019). Essa nova configuração de conflitos de influência, agora preponderantemente de cunho econômico, gerou a circulação de enunciados que associam a Guerra Comercial a uma “nova Guerra Fria”, que circularam principalmente por meio dos veículos jornalísticos de comunicação através de matérias e reportagens sobre o tema. A exemplo da edição 2699 da revista Veja, publicada em agosto de 2020 e traz como manchete o seguinte texto: “A nova Guerra Fria – Na briga pela hegemonia mundial, Estados Unidos e China movem suas peças em assuntos que vão da tecnologia 5G à rede social Tik Tok. É uma disputa que pode trazer benefícios para outros países – Inclusive o Brasil”.

Imagem 1: Capa da revista Veja – Edição de 12 de agosto de 2020



Fonte: Site da revista Veja¹⁴

O aspecto imagético desta publicação apresenta o embate ilustrado em um jogo de xadrez, no qual a China e o Estados Unidos são representados pela rainha, uma peça que tem grande relevância para o jogo, por possuir grande flexibilidade de movimentação. Sua função inicial é dar suporte para as outras peças, mas passa a ser recurso importante para estratégias eficazes assim que é atingido o centro do tabuleiro (BENTO; SOUZA; MADEIRA, 2008). A rainha é uma peça única no jogo, o que implica na afirmação que China e Estados Unidos são peças adversárias. E em frente a eles, posiciona-se o Brasil, representado pelo peão. Em uma partida de xadrez, cada lado do tabuleiro conta com oito peões, que são dispostos na linha de frente de cada jogador. A movimentação da peça é simples e limitada: são permitidos “movimentos frontais, de modo que o primeiro movimento de cada peão pode abranger duas casas, os outros movimentos se restringem a uma casa à frente. Embora se movimente pela frente, o ataque do peão sempre ocorre na diagonal.” (RONDINELLI, s.d, on-line).

Constata-se que a construção da imagem apresenta as relações entre China e Estados Unidos como um jogo estratégico. Esse enunciado é comum tratando-se de discussões que envolvem o campo político, frequentemente associado a estratégias de poder e lutas por dominação, que nesse caso em específico estão atreladas à uma tentativa de hegemonia mundial. Ao Brasil, ilustrado como um peão, atribui-se o sentido de ser apenas uma peça usada nesta disputa. Porém, sua posição no tabuleiro evidencia que o veículo não revela a qual

¹⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2699/>

lado o país pertence. O texto complementa esse fato, acrescentando apenas que o Brasil pode ser beneficiado por essa disputa, logo infere-se que diferentemente da lógica original do xadrez, os movimentos da rainha privilegiarão o peão, e não o contrário.

Observa-se também que o tabuleiro, assim como a parte superior da imagem, é marcado pelos números 0 e 1, que compõem o sistema binário, “utilizado por máquinas com circuitos digitais para interpretar informações e executar ações. É por meio dessa linguagem que o computador exhibe e processa textos, números e imagens, por exemplo.” (RAMBALDI, 2018, on-line). Por isso, atribui-se aos embates entre as duas nações um aspecto complementar ao econômico: o tecnológico. Assim, é desenvolvido um saber que se insere no enunciado sobre a Nova Guerra Fria: ainda que a disputa entre China e EUA tenha se popularizado pelas relações comerciais entre os países, a rivalidade entre eles ultrapassa este âmbito. Dessa forma, a questão central não se trata da influência do regime político instituído nas duas potências em relação às outras nações, mas se refere a grandes economias que disputam um lugar mais alto no “pódio mundial”.

Ainda entre as amplas discussões sobre o comunismo, que retomam os conflitos da Guerra Fria e a configuração contemporânea de governos comunistas pelo mundo, discute-se sobre a divergência de posicionamentos relacionados à possibilidade de sua validação prática ou não. Isso acontece devido a uma fissura existente entre a elaboração ideal do modelo comunista, explanado por Karl Marx como a busca do proletariado pelo domínio dos bens que ele mesmo produz; de uma soberania do dominado sobre o dominante (burguesia). Nesse sentido, é ressaltada a luta pelo fim da propriedade privada.

“O que caracteriza o comunismo não é a supressão da propriedade em si, mas a supressão da propriedade burguesa”, afirmam Karl Marx e Friedrich Engels (2008, p. 31), no Manifesto do Partido Comunista. Eles apontam como objetivo imediato dos comunistas a constituição do proletariado em classe, a derrubada do domínio da burguesia, a conquista do poder político pelo proletariado. (MARX; ENGELS, 2008, p. 30).

Isso coloca em questão outras formações discursivas circulantes, referentes à possibilidade da existência de governos genuinamente comunistas. Especialistas são quase unânimes em afirmar que nunca houve um país comunista de fato (SUPERINTERESSANTE, 2018, on-line), nos moldes marxistas. Atribui-se esse fato para o caráter totalitário assumido pela maioria dos governos comunistas contemporâneos e as adaptações às quais partidos comunistas em todo o mundo submeteram-se, em prol da manutenção de sua própria existência, à dominância do capitalismo no mundo.

Diante disso, infere-se outro arquivo comunista: o humanitário. Esse arquivo está diretamente associado a questões de justiça social e relacionado a saberes instituídos sobre privilégios de classe, visto que atribuir-se-iam os bens àqueles responsáveis pela sua produção. Estão inseridos neste arquivo também as FDs que retomam o comunismo como a busca pelo interesse coletivo, em detrimento da centralização de poder na mão de poucos e da negligência aos direitos humanos em prol da busca incessante pelo lucro, pelo consumismo. Vem a ser, por isso, o arquivo que corrobora com a irrupção do enunciado que atribui ao regime comunista a condição de uma conjuntura utópica, pois poderes de oposição e um cenário predominado pelo capitalismo desencorajam as tentativas de implementação de um governo comunista idealizado nos moldes marxistas.

Apesar disso, os soviéticos alcançaram uma grande força durante o período da Guerra Fria, assim como o discurso comunista, que pode ser analisado como resultado de uma insatisfação histórica gerada pela Revolução Industrial, quando

na estrutura socioeconômica, fez-se a separação definitiva entre o capital, representado pelos donos dos meios de produção, e o trabalho, representado pelos assalariados. [...] As fábricas empregavam grande número de trabalhadores. Todas essas inovações influenciaram a aceleração do contato entre culturas e a própria reorganização do espaço e do capitalismo. (BEZERRA, s.d., on-line).

Em contraponto à força comunista e reforçado pelos poderes de oposição, surge também um movimento contrário que caracteriza o comunismo como sinônimo de inimigo. Marx e Engels o definem como o “espectro comunista”, levantando as seguintes questões para esclarecer a expressão:

Qual partido de oposição não foi qualificado de comunista por seus adversários no poder? Qual partido de oposição, por sua vez, não lançou de volta a acusação de comunista, tanto a outros opositores mais progressistas quanto a seus adversários reacionários? (MARX; ENGELS, 2008, p. 7-8).

Essa concepção é uma reminiscência que data ainda da Guerra Fria, quando as nações pertencentes à União Soviética se tornam ditaduras e promovem perseguições contra dissidentes. “A sociedade comunista, justa e harmônica, concebida por Marx, não foi alcançada”, afirma Cristina Meneguello (SUPERINTERESSANTE, 2018, on-line). Atualmente, prevalece a circulação do enunciado que toma o comunismo e os comunistas por inimigos sociais, visto que os países ditos comunistas (ou de inspiração comunista) exercem um governo alicerçado na centralização de poder em nome dos trabalhadores.

Sobre isso, Hardt (2012) reforça que a mudança de sentidos no vocábulo político, apontando que um grande número de conceitos centrais, inclusive o comunismo, mas também a democracia e a liberdade, foram corrompidos. Ele pontua que, “no seu uso corriqueiro, o comunismo veio a significar seu oposto, ou seja, o controle estatal absoluto da vida econômica e social” (HARDT, 2012, p. 1-2). Ou seja, há um deslocamento discursivo, fundado a partir de práticas sociais, que tem origem em um enunciado anticomunista que dissemina o medo vermelho: circulam-se discursos sobre o arquivo didático segundo a FD que o coloca como um objetivo utópico, ilustrando uma realidade que é povoada por comunistas violentos e que lutam contra o interesse coletivo. Parte-se, então, para uma análise sobre esse medo vermelho e o espectro comunista, assim como outras perspectivas discursivas que envolvem o comunismo.

3.2 Anticomunismo e bipolarismo político: perspectivas discursivas

A partir de práticas de poder, irrompe o anticomunismo, uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas (RODEGHERO, 2002, p. 464), que é intensificada em contextos de desestabilização e descontentamento com as condições sociais, políticas e econômicas de uma nação. Caracteriza-se pela deslegitimação do movimento comunista por meio do incentivo ao “medo vermelho”, que retoma o espectro comunista. Contudo, para além de apontar o comunista como opositor ao capitalismo ou outros regimes políticos, o anticomunismo o considera inimigo social violento e perigoso, resgatando a memória das lutas armadas levantadas pelo movimento e pelo histórico de ditaduras assumido pelos governos comunistas ao redor do mundo. Sobre isso, Rodeghero (2002, p. 464) ressalta que, a partir de estudos sobre o anticomunismo, observa-se que foi percebida uma

escolha de determinadas imagens que se repetem no tempo e que relacionam o comunismo ao inferno e os comunistas ao demônio, que representam esses como vermes, abutres, polvos, serpentes, que os relacionam à doença, ao estrangeiro, à traição, à ilusão. Esse campo tem sido bastante explorado pela historiografia permitindo a explicitação do imaginário anticomunista.

Essas escolhas configuram-se como práticas discursivas que corroboram para o anticomunismo. Além delas, está também a propagação de mitos como o de que “comunistas

comem criancinhas”. Faria (2015) aponta que esse se trata de um dos mais antigos mitos anticomunistas e se refere a razão histórica por trás dele estar relacionada a períodos de fome em massa que deram origem a surtos de canibalismo, tanto na China como na URSS. Contudo, ele ressalta que

esse fenômeno não é exclusivo desses dois países, ou sequer dos regimes comunistas; ao longo da História aconteceu outras vezes, em épocas e em países muito diferentes. Mas foi aproveitado, distorcido e ampliado desde o início pelos inimigos do socialismo marxista. (FARIA, 2015, on-line).

Ainda sobre a postura anticomunista, Rodeghero (2002) explica que nos Estados Unidos a estigmatização do comunismo se dá como o outro lado da defesa do americanismo, caracterizado por alguns traços de longa data, que foram reforçados posteriormente à Segunda Guerra Mundial, especialmente na década de 1950, e contemplam o “individualismo, a crença na iniciativa privada, a defesa das liberdades políticas, um patriotismo acrítico, a valorização da religião, e a confiança nas autoridades e nas instituições”. (RODEGHERO, 2002, p. 467). A autora disserta sobre como o enaltecimento e adesão ao americanismo se apoiou em suportes institucionais, circulando discursivamente em materiais escolares e recebendo “o auxílio de um grande aparato jurídico e administrativo”. (RODEGHERO, 2002, p. 469). Logo, percebe-se uma regulamentação do discurso, evidenciando um desejo de combater ideais comunistas a partir da associação do poder norte-americano ao “lado certo”, o lado da democracia.

No Brasil, o anticomunismo está diretamente associado à liderança do movimento comunista no Brasil por Luís Carlos Prestes e ao movimento de 1935, que ficou conhecido como Intentona Comunista. Após ser exilado na Bolívia e ter morado durante um período em Moscou a convite do governo soviético, o porto-alegrense Prestes, estudioso da teoria marxista-leninista, foi enviado de volta ao seu país de origem em dezembro de 1934, para liderar uma revolução comunista no Brasil (SILVA, s.d.).

Quase um ano depois, tem início o levante armado que foi liderado por Luís Carlos Prestes e ocorreu em algumas capitais brasileiras, a Intentona Comunista. Recebeu esta alcunha em tom pejorativo, que atribui ao movimento a concepção de uma tentativa audaciosa e insensata, um intento “louco”. Esse acontecimento gerou uma posterior caça aos comunistas, marcada por prisões e perseguições políticas por todo país a qualquer pessoa suspeita de associação com o comunismo. No Maranhão, pelo menos 81 pessoas foram presas sob essa acusação, incluindo o empresário e farmacêutico maranhense Jesus Norberto Gomes,

conhecido pela criação do refrigerante de guaraná homônimo, referência da cultura maranhense (THIAGO, 2014).

Diante do que foi apresentado, um olhar sob a perspectiva discursiva aponta para um enunciado reitor relacionado ao bipolarismo que é próprio ao campo político e é retomado constantemente na definição de objetos discursivos inerentes a ele, categorizando saberes definidos socialmente em dois pólos únicos, como a oposição entre esquerda e direita, democracia e fascismo e, portanto, capitalismo e comunismo.

Assim observa-se uma formação discursiva constituinte dos arquivos comunistas que determina que tudo que se opõe ao capitalismo, conseqüentemente, estaria inserido em políticas comunistas. Avalia-se também outro enunciado reitor, relativo à relação entre comunismo e socialismo que têm gerado diferentes enunciados no discurso político sobre as diferenças e relações entre os dois, que dá origem à FD que define uma suposta impossibilidade na instituição prática de um governo comunista nos moldes marxistas. Atualmente, esta FD apoia-se em interdições estruturadas pelas instituições capitalistas, que apresentam um regime de verdade baseado na concepção do capitalismo como prática enraizada na atual dinâmica social e desencorajam a transição socioeconômica da qual decorreria ao comunismo.

Como exemplo, é possível observar esses paradigmas em entrevista cedida a Flávio Dino no programa Segunda Chamada, do canal jornalístico, no Youtube, intitulado *MyNews*. No bloco inicial do programa¹⁵, o governador é questionado sobre sua identificação como comunista e são feitas as seguintes perguntas pelos entrevistadores: “um comunista de Iphone?”, “então o seu comunismo lembra mais um socialismo do que um comunismo?” e “governador, alguma ideia de quando a classe proletária vai invadir o Palácio dos Leões, lá em São Luís?”

Diante disso, destaca-se que enunciados que apareceram no século XIX (período da Revolução Industrial e de grande efervescência do movimento socialista/comunista) e no início do século XX, com a Intentona Comunista, já não ocupam o campo empírico, pois são próprios do seu momento sócio-histórico, porém compõem um domínio de memória pertencente ao campo enunciativo, cujas possibilidades de aparecimento de novos enunciados são determinadas pelos diferentes arquivos que atravessam o discurso comunista.

Assim, os conceitos de comunismo e anticomunismo são regularmente transformados em nível discursivo, passando por rupturas e continuidades, visto que “nenhum

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dOMUesRynE8&t=188s>

enunciado se mantém congelado no tempo para, depois, surgir intacto no futuro.” (CUTRIM; SOUSA, 2014, p. 70). Nesse processo, instituições de poder são decisivas na construção de saberes, a exemplo das autoridades governamentais e da Igreja Católica, para a circulação de “verdades” negativas sobre o comunismo, impondo o anticomunismo e submergindo os princípios iniciais de comunhão e divisão igualitária de bens. Neste sentido, utilizam-se das posições-sujeito que assumem em sua função retórica e buscam convencer os sujeitos interpretantes (cidadãos e fiéis religiosos) de que esses saberes são absolutos.

Contudo, como apontado anteriormente, discursos são singulares e próprios de seu tempo. Da mesma forma, considerando que as relações de poder estão em constante mudança, os regimes de verdade estruturados por essas instituições também não são fixos, por isso, ressalta-se a importância de tratar o termo “ideologia” com cautela, apreendendo o caráter mutável dos seus discursos.

Por exemplo, no século XIX, a Igreja Católica posiciona-se veementemente contra o comunismo/socialismo, instituindo-os como doutrinas funestas e *princípios contra a natureza* por meio de eventos como o Concílio Vaticano I, acontecimento histórico-discursivo no qual a Igreja estabelece certo número de preceitos que fixam sua posição quanto às questões sociais da época, como a centralização monárquica do catolicismo, a condenação do Estado laico (COURTINE, 2014).

Nesse momento e diante da estrutura social, “o direito à propriedade privada é de fato sancionado pelo direito natural, assim como a hierarquização das classes sociais, submetidas à autoridade de um Estado governado por príncipes com direitos divinos.” (COURTINE, 2014, p. 134).

Contudo, no início do século XX, por meio do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica reajusta-se às exigências do período e passa a considerar a atual situação das relações de produção, ainda que mantenha as tradições anteriores. Assim, transita de uma proposta de condenar os comunistas para outra, de estabelecer um diálogo com eles.

Dessa forma, o Vaticano II marca uma mutação importante da doutrina social da Igreja em relação ao “ateísmo marxista”: a concepção satânica do comunismo e a política fóbica em relação à luta de classes, contemporâneas do Vaticano I, dão lugar a uma dupla resposta realista: de um lado, recusa do comunismo ao mesmo tempo como sistema retórico e como regime político, de outro, adoção de um diálogo cauteloso e controlado como forma prática de luta. (COURTINE, 2014, p. 138).

Neste ponto, ressalta-se a abordagem proposta por Jean-Jacques Courtine (2014) ao analisar o discurso comunista em sua obra “Análise do discurso político: o discurso comunista

endereçado aos cristãos”, quando aponta uma tradição nos trabalhos de Análise do Discurso Político, ao tratar de um discurso de aparelho; e propõe-se também a tratar de um discurso de aliança, “isto é, de uma região do discurso de aparelho em que se encontra regulada a relação com o outro, com o exterior, com o que não é ele mesmo, em vista da constituição de uma aliança ou de uma colaboração política.” (COURTINE, 2014, p. 128).

Esses dois objetos discursivos por ele apontados (aparelho e alianças) serão determinantes para o aparecimento de determinadas formações discursivas inseridas nos arquivos do comunismo. De acordo com as práticas sociais de um período histórico, são observadas mudanças no aparelho comunista e em suas alianças, em uma articulação entre a posição-sujeito comunista e a posição-sujeito estrategista, própria do discurso político.

Como por exemplo, a trajetória política de José Sarney. Em 2012, em homenagem prestada pelo Senado Federal aos 90 anos do Partido Comunista do Brasil, Sarney afirma ter uma “longa proximidade” com o partido, apontando sua proximidade com Bandeira Tribuzzi, que segundo ele, tentou doutriná-lo, mas esbarrou em uma principal dificuldade: sua crença religiosa. Em suas palavras, afirma ter chegado perto de entrar para o Partido Comunista. “O que me afastou foi a religião. Àquele tempo, o comunismo estava muito associado ao ateísmo e se dizia constantemente que a religião era o ópio dos povos”. (SARNEY, 2012, on-line). Ele narra também experiências que teve com Maria Aragão, médica e militante comunista maranhense que foi presa e torturada durante a ditadura militar. Ele conta como ela foi interpelada pelos pensamentos e mitos anticomunistas.

Eu morava em Codó, no interior do Maranhão – meu pai era ali promotor –, quando chegou Maria Aragão, a combativa chefe do Partido Comunista do Maranhão [...], de quem fui depois grande amigo e a quem fiquei ligado por laços de família, porque o meu cunhado Roberto casara-se com a filha dela. Pois eu era um menino – tinha 7 anos – e Maria Aragão chegou a Codó. O certo é que o nosso colégio foi convocado, com todos os outros colégios da cidade, e acompanhamos os nossos colégios, as irmandades religiosas, com seus parlamentos e flâmulas, para recebê-la. Quando ela saltou, entoou-se um grande hino religioso de Ave Maria, na cova da Iria. E assim acompanhou-a essa multidão de jovens até a pensão que iria hospedá-la. Diziam então que o comunista era contra Deus e a Igreja, e comia criancinhas. (SARNEY, 2012, on-line).

Contudo, a carreira de Sarney expõe uma contínua oposição ao comunismo, ainda que afirme ter se aproximado do partido em diferentes momentos de sua trajetória. Isso evidencia que, diante de embates de poderes, ocupará diferentes posições sujeito no decorrer do tempo, de modo a privilegiar suas alianças. Sarney cumpriu mandato como governador do Maranhão e deixou o cargo para candidatar-se a senador pela Aliança Renovadora Nacional (Arena),

partido criado pela ditadura militar instaurada no Brasil em 1964, que foi marcada pelo contexto da Guerra Fria e pela perseguição a dissidentes do poder, incluindo comunistas. Posteriormente, assumiu a presidência do Brasil entre 1985 e 1990, sendo o primeiro presidente civil após o fim da ditadura militar. Foi eleito vice-presidente de Tancredo Neves, que foi hospitalizado e faleceu, sem tomar posse.

Diante do extenso conjunto de acontecimentos que abrangem o campo discursivo comunista, depreende-se que diversos arquivos atravessam as práticas relacionadas a ele, assim como os saberes que estão inseridos nele. Neste estudo, foram pontuados apenas alguns aspectos dessa constelação discursiva, aqueles que serão essenciais para a análise aqui proposta. Contudo, há ainda um ponto a ser abordado: a configuração do aparelho comunista no contexto no qual está inserido o objeto deste estudo: o comunismo exercido no estado do Maranhão, fortalecido por Flávio Dino.

3.3 O PCdoB e o comunismo brasileiro

As instituições citadas anteriormente e as mudanças pelas quais passaram historicamente também vêm possibilitar novas ordens na produção discursiva inserida no arquivo comunista.

No Brasil, por exemplo, as disputas partidárias e a luta pela democracia que marcaram o período entre 1970-1980 levam a uma nova mentalidade de respeito à diversidade, seja ela étnica, religiosa, ou de ideias. Com a conquista das eleições diretas e da liberdade de expressão, novos acontecimentos discursivos são percebidos no campo político, inclusive dentro do regime comunista.

Os partidos políticos deparam-se com um cenário competitivo de compra e venda de ideias e programas de governo, no qual precisam conquistar o maior número de eleitores possível. Essa transição levará a um destaque na formação de alianças entre partidos a fim de impulsionar a popularidade de seus candidatos e aumentar as chances de que seja eleito ou que o partido esteja pelo menos na chapa vencedora das eleições.

O PCB (Partido Comunista Brasileiro), que inicialmente foi ilegalizado e atuava clandestinamente, teve neste cenário uma oportunidade de validar-se socialmente. Para isso, o partido passou por uma flexibilização de seus princípios, para entrar na disputa eleitoral. Isso aconteceu em meados dos anos 1970, o que acarretou em mudanças como um nome diferente,

passando a intitular-se PCdoB (Partido Comunista do Brasil), e ao longo do tempo esse processo foi intensificando-se (ZUBEK, 2010).

Segundo o atual estatuto do Partido Comunista do Brasil, a legenda foi fundada em 25 de março de 1922, reorganizada em fevereiro de 1962 e legalizada em 27 de maio de 1985 (PCDOB, 2017). Essas três fases marcam diferentes etapas dessa flexibilização, sendo a primeira distinguida pela vigência do PCB, a segunda pela organização do PCdoB e a terceira caracteriza a saída do partido da clandestinidade, após ter confrontado a ditadura. Ainda no estatuto, configura como objetivo do partido lutar contra a exploração e opressão capitalista e imperialista, conquistar o poder político pelo proletariado e seus aliados, e alcançar o objetivo superior do comunismo. Conforme o documento aponta, as diretrizes do partido guiam-se pela teoria construída por Marx e Engels e desenvolvida por Lenin.

Sobre a história do partido, Monteiro (2012) pontua que ele nasceu das lutas da classe operária brasileira, sendo coerente com os ideais que proclamou desde sua origem. Essa coerência, ele aponta, pode ser atestada por sua fidelidade ao programa socialista e às três bandeiras com as quais participa do cotidiano da vida social e política do país, sendo elas: a soberania nacional, a democracia e os direitos sociais e políticos dos trabalhadores e do povo. E, na busca pela democracia, enfrentou o autoritarismo da República Velha, do Estado Novo e da ditadura militar, implantada em 1964. Ressalta inclusive a organização da Guerrilha do Araguaia, entre os anos de 1972 e 1974, em resistência aos militares.

Por isso, na literatura militante do partido, assim como no estatuto vigente, é possível confirmar que são preservados princípios que datam das discussões acerca da disposição do comunismo pós Revolução Industrial, demarcando a superioridade do socialismo e favorecendo os interesses dos proletários, que passam a ser identificados como “trabalhadores” ou “o povo”. Há também a manutenção da concepção marxista no tocante às etapas de construção de uma sociedade comunista, iniciando pelo socialismo. Contudo, observam-se algumas mudanças expressivas: a priorização da democracia e a inclusão de aliados no plano de governo comunista. Considera-se que isso se dá devido à inserção do PCdoB no processo eleitoral e o deslocamento de saberes sobre o regime político, resultantes das disputas que se estabelecem em combate a governos repressores, e por isso passa a ser associado como alvo do conservadorismo. Sobre isso, Monteiro (2012, p. 20) afirma que o teórico marxista e representante do Partido Comunista João Amazonas

analisando esse fato de os comunistas terem sido – e até hoje isso vale – o alvo preferencial do conservadorismo e da violência das classes dominantes, disse que

nenhum integrante do campo democrático deveria se sentir aliviado quando a reação aponta sua lança em direção aos comunistas. Toda vez que a liberdade entrou em eclipse, o primeiro a ser atacado foi o Partido Comunista, explicava.

Outro aspecto que muda sobre o PCdoB é sua abertura para atualizações, renovando-se com os ensinamentos da experiência socialista do século XX e sendo desenvolvido para atender à realidade do tempo atual, assim como às exigências do país e do povo. (PCDOB, s/d, on-line).

Os comunistas administram, governam para dar respostas aos problemas e dilemas do presente, para elevar agora e já a qualidade de vida do povo, reforçar a soberania do país e ampliar a democracia. Mas cada realização está associada ao rumo – isto é, à conquista do socialismo. (MONTEIRO, 2012, p. 21)

Dessa representatividade direcionada à população em geral, o partido passa a formar alianças com outras legendas de esquerda, como o Partido dos Trabalhadores, e ganhar destaque no cenário político nacional e regional, protagonizando-se nas disputas políticas e espaço na mídia.

Nesse contexto, no qual passa a ser agregada a presença das mídias sociais como meio importante de circulação do discurso político, a flexibilização das diretrizes do partido e sua trajetória democrática possibilita o surgimento de figuras como Flávio Dino, o primeiro governador filiado ao Partido Comunista do Brasil que foi eleito entre os estados da federação. O governador passa a representar as novas ideias adotadas pelo partido e, em seus discursos e entrevistas, argumenta sobre a validação de um comunismo contemporâneo, que dialoga pacificamente com o capitalismo, apesar de buscar combatê-lo.

Para isso, Dino promove reorientações de sentidos de enunciados anticomunistas, vendendo a si próprio e a seu governo como um exemplo de gestão comunista de sucesso, que luta pelas causas trabalhistas de acordo com os trâmites legais. Isso é possível pelo deslocamento promovido anteriormente no arquivo comunista pelo PCdoB, que passa a se discursivizar como partido elegível e produz uma descontinuidade de saberes relacionados à luta armada, estabelecida por outros governos comunistas e nos episódios históricos já citados. Assim, considerando que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2008, p. 26), essas novas rotas de sentidos são promovidas pela transição do momento sócio-histórico no qual esses discursos são enunciados.

Esse movimento precedebista estabelece três saberes fundados pelo programa de governo do PCdoB nos anos 2000: o primeiro, de que o comunismo no Brasil trata-se de um

modelo governamental que já não se apresenta como o contrário do capitalismo; o segundo sustenta-se na ideia de que apesar de “conviver” com a estrutura capitalista, o comunismo é uma solução para o combate às desigualdades promovidas por ela; e por fim, o terceiro aponta que, apesar de manter relações com outros governos comunistas, o Brasil tem um comunismo próprio, adaptado às necessidades da população. Logo, o arquivo comunista, neste contexto, passa a abranger novas condições de existência para enunciados que estabelecem o comunismo no Brasil como regime político cujas propostas são voltadas a diminuir as disparidades sociais e estabelecer mais oportunidades aos trabalhadores. Não se busca mais, nesse sentido, uma ditadura do proletariado, mas um governo democrático que atua contra as mazelas promovidas pelo capitalismo e “expressa a vontade coletiva dos trabalhadores”. (PCdoB, s.d., on-line).

Nesse cenário, desponta Flávio Dino. Formado em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o ludovicense demonstrou interesse pela política desde jovem, presidindo o Grêmio Estudantil Coelho Neto em 1984, no Colégio Marista, onde estudou; em 1990, foi escolhido vice-presidente do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Luís, ao qual foi filiado entre 1987-1994. (PINHEIRO, s.d.; SILVA, 2017).

Dino filiou-se ao PCdoB em 2006, ano no qual foi eleito Deputado Federal, com a quarta melhor votação para o cargo no estado. Iniciou, então, sua trajetória no partido: em 2007, exerceu a função de membro titular da comissão permanente de Constituição e Justiça e de Cidadania, na Câmara dos Deputados. No mesmo ano, atuou também como vice-líder do bloco formado pelo seu partido, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), entre outros; candidatou-se à Prefeitura de São Luís e obteve a segunda colocação no pleito, sendo derrotado no segundo turno pelo ex-Deputado Federal, ex-Senador e ex-Governador do Maranhão, João Castelo, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Dino concorreu pela primeira vez ao Governo do Maranhão no pleito eleitoral de 2010 e ficou novamente na segunda colocação, com 29,48% dos votos, tendo sido derrotado no primeiro turno por Roseana Sarney, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), votada por 50,08% dos eleitores; assumiu a presidência do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) em junho de 2011 e atuou no órgão até março de 2014, deixando o cargo para concorrer às eleições em outubro daquele ano, quando foi eleito para seu primeiro mandato como governador do Maranhão. (PINHEIRO, s.d.)

No cargo desde então, Dino vem sendo discursivizado como o político comunista, o que gerou controvérsias e debates que partiram tanto da mídia, como de seus opositores.

Afirmando-se cristão, ele foi diversas vezes questionado sobre sua associação ao partido comunista e suas convicções religiosas, sendo descrito como o “comunista do mal” durante sua candidatura em 2014 (SILVA, 2017) e sendo criticado mesmo após o segundo mandato, para o qual foi reeleito com 59,29% dos votos válidos (G1, 2018).

Utilizando-se desse campo de memória que foi construído na política maranhense e está inserida também no arquivo comunista, o Twitter Dino Debochado surge com a proposta de criar publicações humorísticas com inspiração no perfil de Flávio Dino, recorrendo às discussões sobre o “comunista maranhense” para produzir seu conteúdo.

A fim de compreender a fundo essa proposta e sua relação com os movimentos discursivos percebidos nos arquivos comunistas, no próximo capítulo analisaremos o perfil Dino Debochado, sua relação com o Twitter e o funcionamento da produção de sentidos em suas publicações.

4. CAPÍTULO III – ANÁLISE ARQUEOGENEALÓGICA DO TWITTER DINO DEBOCHADO

Tomando como base as informações apresentadas durante o trajeto de coleta, organização e apresentação de dados que compõem a fundamentação teórica selecionada como base para este estudo, tal como reflexões discursivas iniciais sobre as concepções que amparam o comunismo e princípios dos partidos comunistas, sobretudo o PCdoB, torna-se possível realizar uma análise discursiva sobre o perfil fake no Twitter Dino Debochado e sua relação com os arquivos comunistas.

Portanto, apresenta-se neste capítulo o trajeto metodológico da pesquisa e a investigação do *corpus*, que foi recortado em um universo de sete tuítes datados do ano de 2020, a serem analisados arqueogenealogicamente, considerando as condições de possibilidade discursiva e procedimentos de controle e regulação dos discursos mobilizados.

4.1 A seleção do *corpus* da pesquisa

Como destacado anteriormente, o objetivo central desta pesquisa é investigar o perfil do Twitter Dino Debochado como prática discursiva que possui densidade histórica, regras de formação e modo próprio de existência. Para isso, realizar-se-á uma leitura arqueogenealógica, ou seja, far-se-á uma análise descritiva dos enunciados para a verificação de posições-sujeito mobilizadas na produção de sentidos.

Parte-se da percepção que em enunciados produzidos em uma sociedade, em dado momento, existem relações complexas que não se limitam a uma situação, a um contexto, ou a um sistema de causa e efeitos. Essas relações são construídas por regras históricas que o analista deve interpretar.

A descrição arqueológica que se busca realizar consiste em olhar para o perfil Dino Debochado com o objetivo de entender a correlação que ele instaura com diferentes enunciados, dispersos no tempo e no espaço. Essa perspectiva analítica permitirá verificar regularidades dessa prática discursiva exercida por meio de enunciados que a sucedem ou precedem. Busca-se então verificar as regularidades que permeiam as publicações que serão analisadas, observando-se de que modo elas obedecem a regras de formação discursiva que lhe deram a possibilidade de virem à tona (FOUCAULT, 2009). Dessa maneira, será realizada avaliação de jogos estratégicos que operam o controle discursivo nas formações discursivas dessa materialidade. Em síntese, busca-se compreender o “como” e o “porquê” do perfil dessa

rede social utilizar determinados saberes e não outros para firmar trocas comunicativas com seu público, e quais as configurações sócio-históricas às quais está submetido.

Ressalta-se que o *corpus* é selecionado a partir de tuítes que possuem regularidades discursivas, correspondendo a arquivos concernentes ao comunismo e submetido ao mesmo dispositivo (neste caso, o partidário), aproximando o conceito teórico de formação discursiva da parte prática a ser desenvolvida na análise (SARGENTINI, 2007). As publicações foram acessadas no Twitter entre março e dezembro de 2020, diante busca direta ao perfil Dino Debochado.

Durante o processo de recorte do *corpus*, foram levados em consideração acontecimentos discursivos que contribuíram significativamente para a produção de sentidos no conteúdo da página, sobretudo o impacto da pandemia de COVID-19, que foi um dos principais tópicos abordados no Twitter, tanto pelo governador Flávio Dino como pelo Dino Debochado. Faz-se necessário ressaltar que até o tempo presente, 2021, a crise sanitária causada pela doença continua afetando países de todo o mundo (inclusive o Brasil).

4.2 Uma ordem discursiva: Flávio Dino e Dino Debochado

Como apontado anteriormente, o perfil Dino Debochado foi iniciado em 2018 e inspira-se na imagem do gestor estadual do Estado do Maranhão (2018-2022), desenvolvendo um personagem que, assim como se intitula, usa com frequência em seus posicionamentos o deboche, que se trata do escárnio a outrem, sem a função de desqualificá-lo, como acontece na derrisão.

Trata-se de uma imagem caricata de um perfil irônico e debochado já apresentado pelo próprio Flávio Dino, que também é assíduo na rede social e foi descrito em matéria da Carta Capital como “uma máquina de declarações espirituosas e tuítes sinceros.” (LIRIO, 2019, on-line).

O perfil foi criado no Twitter, que se tornou um espaço referência para o exercício político, sendo fonte de informação para usuários que desejam obter informações sobre candidatos e partidos. Analisando o Twitter como materialidade discursiva, observa-se que ele promove a invisibilização do sujeito que enuncia, construindo “um novo espetáculo político, pautado no ‘desaparecimento’ do corpo.” (PIRES, 2013, p. 46). Assim, além de proporcionar a produção de discursos que já não contam com a discursividade do corpo e do gesto dos candidatos, possibilita também o despontar de novas estratégias para a produção de efeito de verdade, a exemplo da invisibilização total do sujeito, por meio dos perfis *fake*.

Nesse sentido, cabe acrescentar a visão desenvolvida por Jason Wilson (2011), que estudou práticas de *fakes* políticos Australianos no Twitter e os definiu como uma prática móvel, atenta, performativa e lúdica. Ele delinea esses perfis como um tipo de *fandom*¹⁶ político, que consomem com bastante interesse conteúdo político midiático e usam-no como matéria-prima para sua própria produção criativa. (ALEXANDRE, 2012; WILSON, 2011). Entrevistando donos de perfis fake de políticos Australianos, Wilson analisa pontos em comum nas respostas, que caracterizam a prática desses tipos de perfil.

Um desses pontos é o aproveitamento de acontecimentos da “democracia mediada” (conferências de imprensa, aparições em programas de entrevistas e postagens de blogs) como matéria-prima para “performances satíricas”. Outro ponto em comum é que os produtores de fakes políticos, fãs de política, acreditam que seu público também é formado de fãs de política, de pessoas politicamente engajadas, que se interessarão pelos assuntos tratados pelo Fake e pelo que os fakes fazem, em tempo real, com esse conteúdo. (ALEXANDRE, 2012, p. 68).

De acordo com observações ao perfil e entrevista cedida pelo produtor do Dino Debochado registrada na matéria da revista Fórum (anteriormente citada), essas características se aplicam também a esse perfil fake. Na reportagem, o responsável pelo Dino Debochado afirma não ter vínculos com o governador Flávio Dino, mas confirma que é um admirador de sua luta (MARQUES, 2019).

Portanto, não é possível validar que suas publicações sejam um exercício de governo não-oficial, mas refletem essa admiração e impulsionam a sua figura, enquanto gestor e homem público, como é característico dos perfis *fake*. E por se utilizar dos materiais divulgados na mídia sobre o governador, ele facilita a circulação de enunciados pecedebistas por meio do Twitter.

Dessa forma,

o recurso do apelo ao humor e a estratégia da invisibilidade do sujeito que enuncia (da força política que enuncia) permite que, de uma forma vista como não impositiva, chegue ao leitor uma propaganda eleitoral. Não está explicitado o sujeito enunciativo, mas sua posição enunciativa. (SARGENTINI, 2015, p. 224).

Essa posição enunciativa gera a construção de uma posição-sujeito pecedebista assumida pelo perfil, que mobiliza diferentes arquivos comunistas e, por meio de comentários políticos, atua como meio de circulação de determinados saberes sobre este regime político e, por isso, produzindo apagamentos de outros saberes. Logo, efetua práticas discursivas que

¹⁶ *Fandom*, traduzido em inglês como fã-clube, “pode ser definido como uma comunidade de fãs que se organiza em torno do interesse por algo ou alguém.” (ALEXANDRE, 2012, p. 67)

formarão diferentes configurações sobre o comunismo, dando continuidade e descontinuidade a saberes relacionados a ele.

No tuíte abaixo (Imagem 2), por exemplo, é possível observar o resgate à memória do mito anticomunista e sua ressignificação, estruturando um saber que nega a periculosidade de comunistas em relação a crianças e retoma enunciados pecedebistas contemporâneos que permitem associar o comunismo com princípios da democracia, neste caso o acesso à educação.

Imagem 2: Tuíte – 3 de outubro de 2019



Fonte: Twitter¹⁷

Essa publicação é datada de 3 de outubro de 2019, mesmo dia em que Flávio Dino relata em suas redes sociais encontro que teve com um grupo de estudantes da rede municipal de São Luís. As fotos divulgadas são acompanhadas da seguinte legenda: “Sempre muito bom receber crianças no Palácio dos Leões. Nessas visitas, as crianças conhecem mais sobre a nossa história e tem contato com importante acervo turístico. Encontrei ontem com esse grupo de uma escola pública municipal de São Luís”. O Dino Debochado divulga as mesmas fotos, com a legenda “Dizem que comunistas comem criancinhas, mas no Maranhão, o comunista @FlavioDino, investe na educação e ainda senta para conversar as crianças. MALDITO COMUNISTA!”

¹⁷ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1179894091246706689>

Percebe-se ao fim o uso da expressão “maldito comunista”, o que apresenta uma marca de ironia, considerando o contexto no qual é usada. Isso acontece porque o sentido produzido é contrário ao significado literal do que se está dizendo: ao caracterizar Flávio Dino como maldito comunista, não se infere a visão de alguém perverso, maldito. Por outro lado, retoma uma memória negativa relacionada ao comunismo para zombar dela. Pontua-se que a espessura discursivo-argumentativa do Dino Debochado é estruturada em bases irônicas e derrisórias, em uma organização enunciativa do discurso de modo a interagir com seus seguidores por meio do humor. Observa-se, assim, que desenvolve um *ethos* descontraído e zombeteiro, criando uma identificação com o governador e seu perfil, que já é popular por apresentar esses recursos em entrevistas e debates para desacreditar seus adversários, contudo desenvolvendo uma identidade peculiar, que se distingue da identidade do Flávio Dino, um homem público que, apesar das falas debochadas, precisa submeter-se aos rituais e posturas que são convencionadas como adequadas a um governante. Sobre isso, o autor da página afirma na entrevista que tenta responder da mesma forma que o governador responderia e afirma: “o perfil do Dino tem esse tom. Então, na hora de responder, sempre penso em um Dino de folga”. (MARQUES, 2019, on-line).

Há, inclusive uma interação por parte do perfil fake com o Flávio Dino. Ele comenta publicações do governador e emite opiniões em diversas situações, como neste caso (Imagem 3). Flávio Dino comenta em seu perfil no Twitter: “O que alguém, acostumado a nada fazer, faz no 1º dia do ano? Nada”, e o Dino Debochado responde: “Tá querendo tomar meu lugar diz logo, rei do deboche”.

Imagem 3: Flávio Dino ironiza ação de Bolsonaro no Twitter



Fonte: Twitter¹⁸

De acordo com a data da publicação, Dino faz um comentário relacionado à repercussão da notícia ligada ao passeio realizado por Jair Bolsonaro no primeiro dia do ano de 2021. O atual presidente da República foi criticado por causar aglomeração ao nadar com banhistas em praia de São Paulo, ainda que durante o período de pandemia a orientação repassada pelas autoridades de saúde seja a de manter o distanciamento social. Dessa forma, o enunciado de Flávio Dino remete a vários acontecimentos envolvendo o desinteresse de Bolsonaro por cumprir os protocolos de prevenção à disseminação da COVID-19, visto que ele está “acostumado a nada fazer”. Já o Dino Debochado, ao questionar se Flávio Dino quer tomar seu lugar, refere-se à identidade criada e sua distinção com a do governador, construindo efeitos de humor e sugerindo que o lugar de produção de deboche e humor é seu.

Considerando que o Dino Debochado produz sentidos por meio do humor e de tópicos que dizem respeito a Flávio Dino pelo Twitter, rede social caracterizada pela rapidez, e ressaltando que, no contexto da cibercultura, a política se faz “no interior e segundo as regras do espaço midiático e, por consequência, o discurso produz o acontecimento” (SARGENTINI, 2015, p. 219), foram analisadas publicações deste perfil que tinham como temática a COVID-19.

A escolha desse recorte deve-se ao fato dessa doença ter levado os políticos a se posicionarem em relação a vários aspectos da política atual brasileira. Observa-se que a pandemia da doença se configura, além de um acontecimento histórico, em acontecimento discursivo. Por isso, o *corpus* deste trabalho foi selecionado de acordo com a data da

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/FlavioDino/status/1345486786395574284>

publicação, de forma a estarem inseridas no contexto da COVID-19 e outro critério de seleção baseou-se na busca de textos que trouxessem marcas de ironia e de derrisão, a exemplo do uso da expressão “maldito comunista” em situações específicas e a atribuição a outros homens públicos características que inferem uma falta de inteligência, como mecanismos de produção de humor.

Ressalta-se que, para apreender as formações discursivas circuladas pelo perfil *fake* que é inspirado no atual governador do Maranhão Flávio Dino, faz-se necessário revisar as características da ordem discursiva que as rege. Além dos deslocamentos no arquivo comunista que são provocados pelo PCdoB conforme já apresentados, considerando, portanto, o partido como instituição que atua na regulação e controle do discurso, há ressonâncias da espetacularização do discurso político e das particularidades da cibercultura na página.

4.3 Dino Debochado em tempos de Covid-19

Dadas as reflexões realizadas até este ponto da pesquisa, a primeira publicação (Imagem 4) é datada de 26 de fevereiro e traz uma lista de conquistas do governo do Maranhão durante o período carnavalesco do ano de 2020: “35 milhões de movimentação econômica na capital, 700 mil participantes nos 4 circuitos, ocupação hoteleira de 82%, mais de 2.500 pessoas trabalhando diretamente, nenhum crime violento nos circuitos”. Após esses índices, que demonstram sucesso nas políticas públicas assumidas sob a gestão de Flávio Dino, segue a seguinte expressão: maldito comunista!

Imagem 4: Tuíte - 26 de fevereiro 2020



Fonte: Twitter¹⁹

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1232730011804819457>

A adjetivação da palavra “comunista” pelo termo maldito, como é possível observar pela sua repetição em duas publicações expostas aqui, é recorrentemente utilizada pela página, quando cita ações positivas do governo. Depreende-se que, nesse sentido, o enunciado produz efeitos de ironia na medida que emprega a palavra maldito, cujo sentido é negativo, para adjetivar o substantivo comunista, instaurando um movimento de memória que retoma o sentido do comunista como algo ruim. No entanto, essa adjetivação é usada para exaltar ações da gestão, visto que o Dino Debochado não pretende de fato criticar o que apontou anteriormente, mas afirmar aos seguidores: “esse comunista traz resultados positivos para o Maranhão”. No nível discursivo, a ironia abrange o confronto de duas formações discursivas: uma que desaprova o comunismo e outra que o acolhe como possibilidade de desenvolvimento para o estado.

Assim, discursiviza a gestão dinista como digna de reconhecimento, atribuindo valor positivo também ao comunismo em geral. Isso é possível devido à espetacularização, como já apontado, na qual o homem político torna-se a representação do movimento ao qual apoia. Nesse sentido, observa-se na página um regime de verdade instituído com a finalidade de estabelecer o governo estadual comunista como um referencial, ofertando apoio a Flávio Dino e enaltecendo seu exercício como governador. Logo, serão reproduzidos os mesmos posicionamentos dele e até admitidas as mesmas rivalidades políticas que ele aponta em seus discursos oficiais, promovendo uma propaganda política indireta e não-oficial de Dino.

A sintonia com a voz oficial do governador chega inclusive a confundir as pessoas, como acontece no episódio em que Flávio Dino é abordado por uma pessoa, que pergunta se ele é o Dino Debochado. O episódio é narrado em vídeo²⁰ que foi publicado no perfil *fake* e no qual Flávio Dino conta que uma vendedora que estava próxima a ele o chamou e disse: “Ei, o senhor que é o Dino Debochado?” e ele afirma ter respondido que não propriamente, mas que é a pessoa quem o inspirou.

Ademais, ressalta-se também a exclusão discursiva, segundo a perspectiva foucaultiana, que é imposta nesta publicação, visto que ao enaltecer as medidas tomadas durante o carnaval, é omitida a falta de ações e posicionamento no período inicial de disseminação da Covid-19 no país, que registrou o primeiro caso na mesma data, 26 de fevereiro (AQUINO, 2020). Observa-se também um apagamento da formação discursiva que opõe o socialismo e o capitalismo, em prol da circulação dos enunciados do PCdoB atual, que

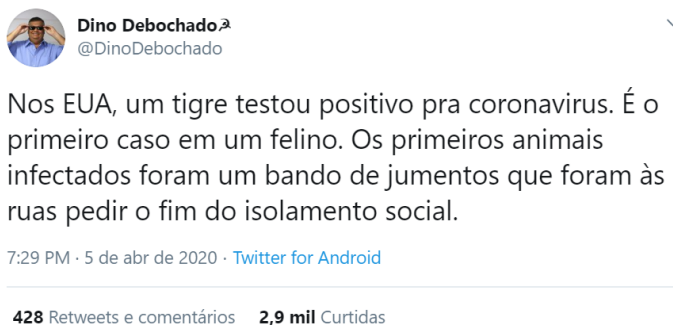
²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1273246758420844545>

se volta para a manutenção da democracia. Ou seja, enaltece um governo comunista que preza pela acessibilidade de cultura a todos, comunistas ou não.

Ainda sobre o Carnaval, ressalta-se que mesmo que o primeiro caso em território maranhense tenha sido registrado apenas em março, cerca de um mês depois, não é apontado na publicação o risco que um evento de tal porte pudesse ter gerado diante da possibilidade de disseminação do vírus, considerando que o surto da doença já era considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma emergência de saúde pública de importância internacional desde 30 de janeiro (OPAS, 2020).

Já a segunda publicação (Imagem 5) é datada de 5 de abril e noticia a contaminação de um tigre com o novo coronavírus, associando o fato com uma mobilização popular em prol de manifestações em diversos estados brasileiros marcadas para o dia 5 de abril, em protesto contra o isolamento social, medida preventiva incentivada para evitar o contágio em massa, o que poderia ocasionar uma sobrecarga no sistema de saúde.

Imagem 5: Tuíte - 05 de abril de 2020



Fonte: Twitter²¹

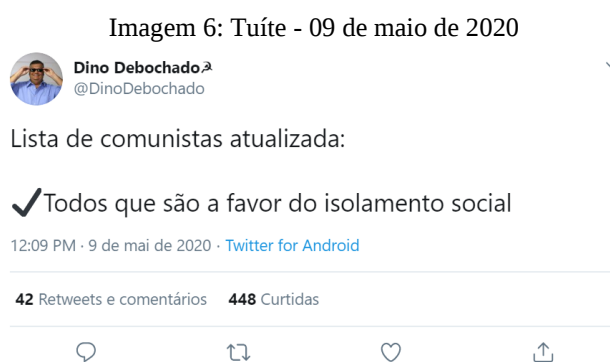
Nesse sentido, o Dino Debochado compara os manifestantes a jumentos, animais que tradicionalmente no Brasil são associados à falta de inteligência e é instaurado um tom derrisório neste tuíte, ao desqualificar as pessoas envolvidas no protesto pelo fim do isolamento. Ele zomba da iniciativa das manifestações, julgando a inteligência dos participantes por meio de um riso de exclusão, que os rejeita dentro do regime de verdade que estabelece. Nesse caso não há uma desqualificação direta a um opositor, mas a comportamentos que se opõem ao considerado pela página como o “certo”, o que aponta para um procedimento de exclusão discursiva: quem reivindica o fim do isolamento social é considerado louco, indigno de atenção. Observa-se uma formação discursiva que surge de um

²¹ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1246928088610623493>

regime de verdade que é imposto pelo perfil e determina comportamentos adequados e inadequados durante a pandemia.

No caso deste perfil, esses comportamentos estão diretamente ligados ao que é discursivizado pelo governador como adequado e inadequado. Assim, percebe-se a regularidade em enunciados ao associarem ações positivas ao comunismo e atribuírem valor negativo às ações que forem de encontro ao que contraria o “adequado”, o “certo” em relação ao que constitui o regime de verdade estabelecido na gestão dinista.

Na terceira publicação, é dada continuidade às regularidades enunciativas relativas à dualidade certo e errado no tocante a ações de combate e prevenção contra a Covid-19. Como apontado anteriormente, surgem enunciados que caracterizam como comunistas todos aqueles que agem de acordo com o que é certo e como não comunistas quem mostra comportamentos contrários. Percebe-se, então, um deslocamento discursivo do domínio de memória que caracteriza o comunismo como inimigo social, gerando novos enunciados que o deslocam para uma posição contrária a isso, ou seja, a imagem de um apoiador da sociedade. Logo, é possível inferir um apagamento do comunismo como modelo de governo e a formação discursiva de conjuntos de enunciados que o descrevem como modelo de conduta. Assim, surgem enunciados como o da “lista de comunistas”, que é citada no tuíte abaixo (Imagem 6).



Fonte: Twitter²²

A expressão “lista de comunistas” popularizou-se nas redes sociais como uma piada, que retoma a memória do anticomunismo, com o medo imposto pela “ameaça vermelha” e o subverte, promovendo uma irrupção de sentidos e apontando o comunismo como referencial positivo. Novamente, esses movimentos discursivos são possibilitados pelos deslocamentos

²² Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1259138312641679365>

no arquivo comunista, que passa a possibilitar formações discursivas que apontam o comunismo como um regime político válido e militante das causas trabalhistas.

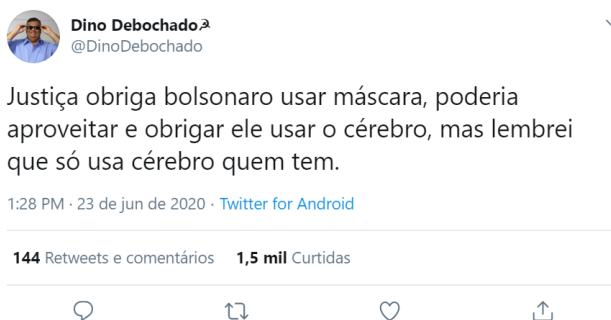
Esta terceira publicação possui um tom irônico sutil, que pode passar despercebido por leitores que não tenham conhecimento do contexto local, ou seja, quando não é estabelecida a cumplicidade entre quem comunica e quem lê, por incompatibilidade de domínio de memória e referências enunciativas. Desse modo, não se produz o sentido de ironia.

Tendo em vista que toma a posição-sujeito de quem considera o comunismo como positivo, o Dino Debochado está criticando quem não apoia o isolamento social. De acordo com os fatos e com o perfil de conteúdo na página, é possível apontar neste tuíte portanto uma crítica velada ao presidente Jair Bolsonaro, que teve conflitos públicos com Flávio Dino e chegou a afirmar, em vídeo, ter esperança “que o Maranhão abandone o comunismo, o socialismo e comece a crescer” (PRAZERES, 2020, on-line).

Em falas à mídia, Bolsonaro posicionou-se em defesa da manutenção do comércio e semanas antes da data do tuíte em questão, ele veio a público defender o fim do isolamento e criticar medidas de distanciamento social adotadas por governadores e prefeitos (SIMÕES, 2020).

Assim, aponta-se que as publicações do Dino Debochado seguem duas regularidades: o enaltecimento das ações estaduais e a crítica ao governo federal. Na próxima publicação a ser analisada, é possível observar uma crítica mais explícita e com tom derrisório, quando aponta que a justiça poderia obrigar o presidente a usar o cérebro, mas ele não o possui, em uma retomada de memória que marca novamente uma falta de inteligência por parte de Bolsonaro e de seus apoiadores.

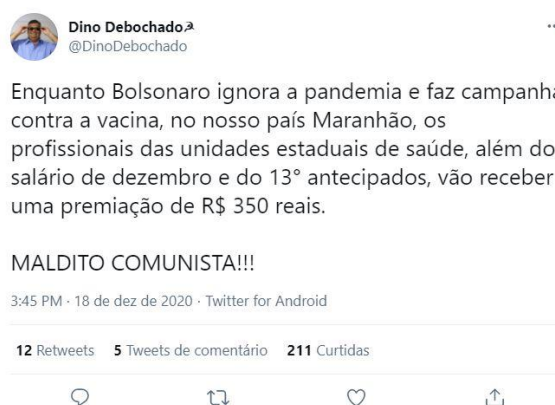
Imagem 7: Tuíte - 23 de junho de 2020



Fonte: Twitter²³

Ambas as abordagens do perfil estão de acordo com a proposta de inspiração na imagem do governador do Maranhão, apresentando uma coerência discursiva com enunciados postos em circulação pelo próprio Flávio Dino. Isso acontece porque, a partir dessas formações discursivas, produz humor para seus seguidores e realiza, de forma indireta, uma propaganda da gestão dinista e de valores pecedebistas, que são objeto de sua admiração.

Imagem 8: Tuíte – 18 de dezembro de 2020



Fonte: Twitter²⁴

Na imagem 8, a publicação de 18 de dezembro de 2020 traz uma comparação entre a ação federal e do governo estadual quanto à pandemia: “enquanto Bolsonaro ignora a pandemia e faz campanha contra a vacina, no nosso país Maranhão, os profissionais da saúde, além do salário de dezembro e do 13º antecipados, vão receber uma premiação de R\$350 reais. MALDITO COMUNISTA!!!!”.

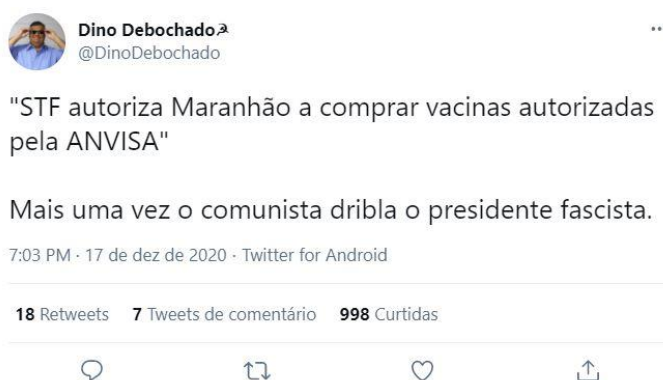
Esse tuíte estabelece uma relação direta entre os dois governos, novamente circulando princípios definidos pelo governador como adequados e inadequados durante o período pandêmico. Nesse caso, refere-se mais especificamente às medidas adotadas quanto à saúde pública. Por isso, coloca em paridade a manutenção do pagamento aos profissionais da saúde servidores públicos, além de prêmio concedido aos trabalhadores pelo bom desempenho no combate ao coronavírus; e o posicionamento do presidente ao defender a não-obrigatoriedade da imunização popular pelas vacinas que estão sendo produzidas contra o novo coronavírus. No dia anterior à publicação, Jair Bolsonaro havia dito durante evento na Bahia que não irá tomar a vacina, pois segundo ele, já teve o vírus e criou anticorpos. Reforçou também críticas a quem defende a obrigatoriedade da vacina. (UOL, 2020)

²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1340005337215188994>

O posicionamento enunciativo do Dino Debochado também reflete em comportamentos do governador do Maranhão, que se opõe a opiniões e ações tomadas por Jair Bolsonaro desde antes do início do seu mandato, em 2019. A difusão de informações por meio do perfil fake corrobora para a circulação de enunciados que marcam uma rivalidade entre os dois, ainda que não estejam disputando eleições ou compartilhem de cargos no mesmo nível de governo, Dino atuando em esfera estadual e Bolsonaro, em âmbito federal. É possível inferir também que as práticas discursivas exercidas através da rede social despontam relações de poder paralelas àquelas que marcam o campo externo ao digital, corroborando com o aspecto de embates e jogos que é próprio ao campo político e retomam a metáfora do tabuleiro de xadrez, apontado anteriormente. Como no próximo tuíte, que foi publicado em 17 de dezembro.

Na data em que Bolsonaro confirma que não pretende se vacinar e se mostra contrário à possibilidade de implementar medidas que determinem como mandatória a imunização contra a COVID-19, o Supremo Tribunal Federal (STF) aceita pedido de liminar do Governo do Maranhão “para que, em caso de descumprimento do Plano Nacional de Vacinação contra o coronavírus por parte do Governo Federal, o Estado possa comprar vacinas autorizadas pela Anvisa ou por agências de vigilância sanitária de outros países.” (GOVERNO DO MARANHÃO, 2020, on-line).

Imagem 9: Tuíte – 17 de dezembro de 2020



Fonte: Twitter²⁵

O Dino Debochado divulga a notícia (Imagem 9) e faz o seguinte comentário: “mais uma vez o comunista dribla o presidente fascista. Observa-se, inicialmente, a evidência do aspecto de espetacularização do discurso político, pela condensação das medidas

²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1339692799218872323>

governamentais às figuras de dois homens (Flávio Dino e Jair Bolsonaro), associando-as às suas índoles; e a retomada de um enunciado que relaciona comportamentos que vão contra a democracia, ou seja, um governo que preze pelo bem estar comum, ao fascismo.

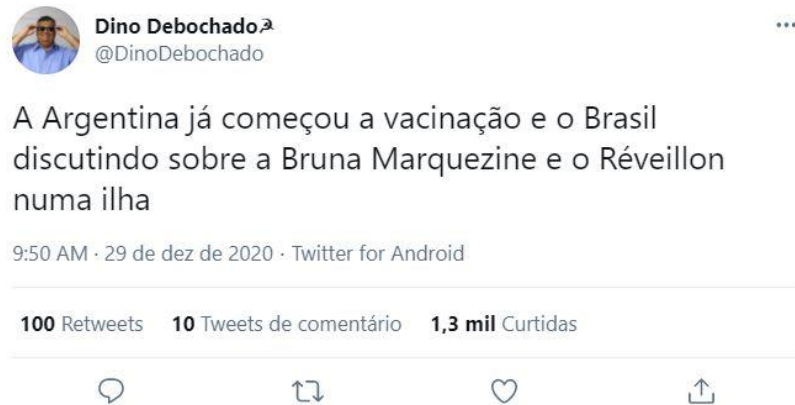
Assim como o comunismo, o termo fascismo vem sendo discursivizado ao longo do tempo diante de diversas produções de sentido. É relacionado a governos que impõem um regime extremamente autoritário, hierárquico e elitista e pode se referir ao movimento homônimo que surgiu na Itália sob a liderança de Benito Mussolini; ao extremismo do nazismo desenvolvido por Adolf Hitler; ou a regimes que surgiram durante o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial inspirados no fascismo italiano, como o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha. (FERNANDES, s.d.).

Por ser usualmente associado ao radicalismo em governos do espectro político da direita conservadora, é possível compreender porque há um tom ofensivo no uso da palavra “fascista” para adjetivar “o presidente”. Ao se inserir no arquivo comunista pecedebista, o texto enunciado por Dino Debochado está de acordo com os novos valores do partido, que busca combater o conservadorismo e defender a democracia.

Nesse sentido, observa-se este perfil atuando como um micropoder, visto que há um controle do discurso a partir da circulação de verdades e saberes que têm como apoio institucional o Partido Comunista do Brasil. Considerando que toma como base os princípios que Flávio Dino aponta como posicionamentos coerentes e incoerentes quanto às decisões que têm impacto coletivo, passa a regular e criticar comportamentos reputados errados e delimitar ações que devem ser tomadas pela população, promovendo uma exclusão discursiva àqueles que não corresponderem às suas expectativas.

Como no caso da última publicação (Imagem 10), no qual aponta que “a Argentina já começou a vacinação e o Brasil discutindo sobre Bruna Marquezine e o Réveillon numa ilha”.

Imagem 10: Tuíte de 29 de dezembro de 2020

Fonte: Twitter²⁶

Ao comentar críticas que circularam nas redes sociais direcionadas à atriz Bruna Marquezine por ter convidado amigos para celebrar o réveillon em uma ilha privada, o Dino Debochado enuncia um jogo de prioridades, colocando em comparação o fato de a Argentina ter iniciado a vacinação dos cidadãos.

Apesar de aparentemente não se conectar aos comentários partidários que usualmente faz, considera-se a possibilidade de que essa publicação esteja se referindo a comentário feito pelo filho de Jair, o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, que um dia antes desse tuíte, publicou em sua conta do Twitter uma crítica a Thelma Assis²⁷, médica conhecida por ganhar a última edição do programa televisivo Big Brother Brasil. Após fazer campanhas defendendo o distanciamento social, Thelma esteve entre o grupo que comemorou o Ano Novo junto a Bruna Marquezine.

Considerando o contexto e o tom de suas publicações anteriores, ao exaltar as medidas tomadas no Maranhão para a compra de vacinas e bonificar profissionais por seu desempenho no combate à COVID-19, o perfil *fake* estrutura um enunciado que define como prioridade a vacinação, em detrimento de denúncias de possíveis aglomerações.

Retoma, a partir disso, a concepção do jogo de poderes, ilustrado pelo tabuleiro de xadrez na capa da revista Veja, no qual as nações são peões, sendo movimentadas de acordo com interesses políticos. Nesse sentido, é controlado inclusive o discurso, que circula em diferentes posições-sujeito, que estão em constantes mudanças. Os perfis *fake* de políticos atuam como um ponto de controle do discurso, evidenciando seu caráter histórico e social e

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/DinoDebochado/status/1343902284804198406>

²⁷ Informação disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/eduardo-bolsonaro-thelma-assis-twitter/>. Acesso em: 30 de janeiro de 2021.

de qual o ponto de vista das relações de poder se fala, sobretudo a quais instituições corresponde.

Esses perfis no Twitter são, portanto, um nó em meio à rede de discursividades sobre o campo político. O Debochado, nesse caso, está inserido em uma malha discursiva sobre o comunismo, diretamente conectada à discursivização do PCdoB.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo inicial de investigar o perfil do Twitter Dino Debochado como prática discursiva dentro do arquivo do comunismo no Brasil, foi possível perceber durante a trajetória deste trabalho a extensão de arquivos e enunciados que permeiam o discurso comunista. São produtos de irrupções, descontinuidades e de um campo de memória que abarca acontecimentos discursivos que retomam reminiscências de períodos como a Revolução Industrial, a Guerra Fria, a ditadura militar do Maranhão, e segue sendo renovada, a partir de práticas como a atualização do estatuto do PCdoB e a criação de perfis fake políticos, como o Dino Debochado.

A fim de compreender o funcionamento da produção de sentidos no perfil do Twitter em questão, guiaram a pesquisa os objetivos específicos também estabelecidos inicialmente, que trataram-se de: a) analisar as características de práticas discursivas que envolvem o discurso político atual, avaliando as redes sociais como materialidade, por meio da qual, serão produzidas diferentes práticas discursivas no campo político; b) realizar uma leitura histórico-discursiva do arquivo comunista, partindo dos embates de poder na Guerra Fria e analisando o cenário contemporâneo do Partido Comunista do Brasil e da trajetória de Flávio Dino; c) investigar regras de formação, poderes e saberes que constituem sentidos no Twitter Dino Debochado, em sua relação com o arquivo comunista brasileiro.

A partir disso, observou-se uma validação da segunda hipótese, segundo a qual, por meio de uma linguagem despojada e efeitos irônicos/derrisórios, as publicações atuam como meio de “controle do discurso”, instaurando a objetivação do sujeito que se filia ao partido comunista nos moldes contemporâneos estabelecidos pelo PCdoB e mobilizados por Flávio Dino. Além de propagar ideais do governo dinista, o Twitter corrobora com relações políticas alinhadas ao governador, criticando seus opositores, apoiando seus aliados e excluindo discursivamente posicionamentos que vão contra os princípios dos novos moldes do PCdoB e da gestão dinista.

Em seu exercício de micropoder, o perfil usa de ferramentas para implementar procedimentos de delimitação e regulação do discurso. Essas ferramentas estão relacionadas ao poder argumentativo do riso, sendo elas a ironia e da derrisão. Observa-se que há uma relação com seus seguidores que é ora dialética, em discussões serenas de comum acordo na busca pela verdade; ora erística, quando se estabelece uma disputa que tem como alvo Jair Bolsonaro, e os seguidores são o público-árbitro, “o alocutário real do polemista que procura

sua aprovação quando o adversário, derrotado e desconsiderado, é derrubado por terra.” (ANGENOT, 2015, p. 153)

Por isso, constata-se a confirmação da segunda hipótese levantada inicialmente: Dino Debochado dialoga de modo mais íntimo e próximo com o público, usando uma linguagem despojada e falando de um lugar diferente do Flávio Dino governador, que atende a convenções sociais referentes ao seu cargo de gestão. Estabelece estratégias a partir de um *ethos* do debochado, do “Flávio Dino de folga” e enseja uma nova posição-sujeito, um lugar discursivo que emite comentários, contudo sem a obrigação da imparcialidade e o rigor formal obedecidos por Flávio Dino enquanto ocupante de um cargo público e governante de um estado. Sobre a primeira hipótese, de que o Twitter Dino Debochado é uma prática discursiva inserida no arquivo comunista brasileiro, utilizando-se da popularização da rede social no discurso político para produzir sentidos e instituindo uma formação discursiva dinista, caracterizada pela posição sujeito irônica e derrisória, é possível afirmar que mesmo em território brasileiro, as diferentes práticas são constituídas por diversos arquivos comunistas e não apenas um, “o brasileiro”. Há o arquivo comunista pecebebista, que sofreu redimensionamentos devido à sua trajetória em busca da legalização e em combate a poderes conservadores e ditatoriais. Assim como há, também, os arquivos humanitário, didático-histórico e anticomunista, que atravessam os discursos enunciados pelo Dino Debochado. Logo, foram analisadas evidências de uma formação discursiva pecebebista, à qual respondem os posicionamentos de Flávio Dino, que são difundidos por Dino Debochado.

Isso é possível devido à popularização do Twitter como prática discursiva do campo político e da invisibilização do sujeito enunciator, que decorreu no surgimento dos perfis *fake*. A rede social está inserida neste novo contexto de espetacularização digital, adaptado ao ciberespaço, e por isso pauta as interações estabelecidas entre os atores sociais diante do objetivo geral observado nos usuários por um desejo de alcançar engajamento, ser visível, ter seguidores.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, LEILA RACHEL BARBOSA. **O perfil Fake como um gênero do Twitter**. Universidade Federal do Piauí. Teresina, p. 189, 2012.

ANGENOT, Marc. **O discurso social e as retóricas da incompreensão: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir**. / Marc Angenot; organização: Carlos Piovezani. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault**. In: BARONAS, R. L. (org). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

BARONAS, Roberto. **Da espetacularização à sloganização do político**. Revista da Anpoll, v. 1, n. 14, 2003.

BARONAS, Roberto. **Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada**. Polifonia, v. 10, n. 10, 2005.

BAYS, Deise Gabriela. **O sujeito em questão: a arqueo-genealogia das ciências humanas em Michel Foucault**. 2010.

BENETTI, Marcia. **A ironia como estratégia discursiva da revista Veja**. LÍBERO, n. 20, p. 37-46, 2016.

BENTO, Murilo Garcia; SOUZA, Vitor Mendes; MADEIRA, Kristian. 4ª Fase- O Problema das N-Rainhas. **Anais SULCOMP**, v. 4, 2008.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª edição – Campinas, SP: editora da Unicamp, 2008.

COGGIOLA, Osvaldo. **Da revolução industrial ao movimento operário**. As origens do mundo contemporâneo. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/287205625_Revolucion_Industrial_e_Movimento_Operario_As_origens_do_mundo_contemporaneo, v. 9, n. 09, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. 1990. **Os deslizamentos do espetáculo político**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos** / Jean-Jacques Courtine. – São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CUTRIM, Claudemir Sousa e Ilza Galvão. **Entre a tradição e o esquecimento: representações discursivas sobre quilombo e identidade quilombola**. In: Discursos, sujeitos e sentidos: perspectivas identitárias / organização Mônica da Silva Cruz, Ilza Galvão Cutrim, Luís Rodolfo Cabral. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2014.

DAGATTI, Mariano. **Imagens da política, política das imagens: sobre comunicação, retórica e estética**. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, p. 274-298, 2018.

FILHO, Francisco Alves; ALEXANDRE, Leila Rachel Barbosa. A construção de objetos de discurso nos perfis fakes do Twitter. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 12, n. 3, p. 765-792, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**/ Michel Foucault; Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. - 3. ed. - Rio de Janeiro. NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**/Michel Foucault; Edição de Marcos José Marcionilo. - 17. ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**/Michel Foucault; Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2010. Tradução de Roberto Machado.

FURTADO, Márcia Aparecida Campos. **Derrisão: o poder sabotador do riso**. Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 13, n. 19, p. 340-352, 2014.

GADELHA, Tássia Rodrigues et al. **#étapresidentamaravilhosa: uma análise da página Dilma Bolada no Facebook**. 2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Michel Foucault: uma análise de discursos que remonta à história para retorizar a filosofia**. Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (SEDiAr). Sergipe, 2016. (p. 3213- 3223)

GONÇALVES, Sérgio Campos. **O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault**. História e-História. Campinas/SP: NEE-UNICAMP, v. 1, 4 de fevereiro, p. 1-21, 2009.

HARDT, Michael. O comum no comunismo. **Revista Imprópria: política e pensamento crítico**, p. 10-20, 2012.

HARNECKER, Gabriela Uribe e Marta. **Socialismo e Comunismo. Cadernos de Educação Popular**. / Tradução: Grupo Aurora. São Paulo: Global Editora, 1981.

JENKINS, Henry. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century (Part One)**. *Nordic Journal of Digital Literacy*, v. 2, n. 01, p. 23-33, 2007.

MACHADO, Ida Lúcia. **A ironia como fenômeno lingüístico-argumentativo**. Revista de Estudos da Linguagem 3.2 (1995): 141-153.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: **FOUCAULT, M. Microfísica do poder**, v. 25, p. 7-23, 1979.

MARX, Karl, 1818-1883. **Manifesto do partido comunista**/ Karl Marx, Friedrich Engels. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MOCELLIM, Alan. **Internet e Identidade: um estudo sobre o website Orkut**. Em Tese, v. 3, n. 2, p. 100-121, 2007.

MONTEIRO, Adalberto. Os comunistas e a construção do Brasil. In: RUY, José Carlos; BUONICORE, Augusto (Ed.). **Contribuição à história do Partido Comunista do Brasil**. Fundação Maurício Grabois – São Paulo, 2012.

MORETTI, Fernando. **Comunismo & Guerra Fria – Conflitos e Revelações**. São Paulo: Discovery Publicações, 2012.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente**. Edições Loyola, 2004.

NORA, Pierre. **O acontecimento e o historiador do presente**. In: Le Goff, Jacques et al. A Nova História. 5 ed. Lisboa, Edições 70, 1991.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. / Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005. – (Justiça e direito)

PIRES, Livia Maria Falconi. **O funcionamento do discurso político: o Twitter na campanha presidencial de 2010** / Livia Maria Falconi Pires. - São Carlos: UFSCar, 2013.

PIRIS, Eduardo Lopes. **A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de ethos e de pathos**. EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, p. 52-62, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. - Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. “RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 12, n. 2, p. 69-81, 2010.

REVEL, Judith; FOUCAULT, Michel. **Conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos (SP): Claraluz, 2005.

RODEGHERO, Carla Simone. **Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria**. Revista Brasileira de história, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso**. SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, v. 2, p. 1-6, 2007.

SARGENTINI, Vanice. **As relações entre a Análise do Discurso e a história**. In: A (des) ordem do discurso / Nilton Milanez, Nádea Regina Gaspar, (orgs.). - São Paulo: Contexto, 2010.

SARGENTINI, Vanice. **Discurso político e redes sociais**. Revista da ABRALIN, [S.l.], v. 14, n. 2, ago. 2015. ISSN 0102-7158. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42563>.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristovão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista brasileira de história & ciências sociais, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SILVA, Thayane Soares da. **Discurso comunista dirigido aos cristãos: sentidos, história e memória no discurso político-eleitoral de Flávio Dino (MA/2014) São Luís**. (2017).

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica: a retórica como crítica literária**. / Dante Tringali. – São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VOSS, J.; NAVARRO, P. **A noção de enunciado reitor de Michel Foucault e a análise de objetos discursivos midiáticos**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 13, n. 1, p. 95-116, jan./abr. 2013.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ciência da informação, v. 29, n. 2, p. 71-77, 2000.

WILSON, Jason. Playing with politics: Political fans and Twitter faking in post-broadcast democracy. **Convergence**, v. 17, n. 4, p. 445-461, 2011.

ZUBEK, Lauro. **O processo de mudança político ideológica do PC do B na década de 1980: da luta armada à retórica eleitoral**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociologia Política) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SITES CONSULTADOS

70 ANOS da revolução na China: Como o partido comunista controla o país. **BBC**, 1º out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49890359>. Acesso em: 28 jan. 2021

AQUINO, Natália Monteiro e Vanessa. Brasil confirma primeiro caso da doença. Agência Saúde, 27 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 10 jul. 2020

BEIGUELMAN, Giselle. A intervenção: documento/monumento. **desVirtual** [Site], 8 mar. 2016. Disponível em: <http://www.desvirtual.com/mda/2016/03/08/a-intervencao-documentomonumento/>. Acesso em: 05 jul. 2020

BEZERRA, Juliana. Revolução Industrial. TodaMatéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/revolucao-industrial/>. Acesso em: 16 jul. 2019

BOLSONARO: não tomarei vacina por ter anticorpo; país já teve reinfecção. **UOL**, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/12/17/bolsonaro-nao-tomarei-vacina-por-ter-anticorpo-pais-teve-2-reinfecoes.htm>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021

FARIA, Luís M. Por que se dizia que os comunistas comiam crianças? **Expresso**, 14 nov. de 2015. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-11-14-Porque-se-dizia-que-os-comunistas-comiam-criancas--1>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FIOCRUZ. Por que a doença causada pelo novo vírus recebeu o nome de Covid-19? 17 abr. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>. Acesso em: 05 jul. 2020.

FERNANDES, Cláudio. O que é fascismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-fascismo.htm>. Acesso em: 31 de janeiro de 2021.

G1. Flávio Dino, do PCdoB, é reeleito governador do Maranhão. São Luís, 07 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/flavio-dino-do-pcdob-e-reeleito-governador-do-maranhao.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2020

GNIPPER, Patrícia. Brasileiros recorrem ao Twitter para se informar sobre política, diz pesquisa. **Canal Tech**. 09 ago. 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasilereiros-recorrem-ao-twitter-para-se-informar-sobre-politica-diz-pesquisa-119914/>. Acesso em: 02 ago. 2020

GREGOLIN, Maria do Rosário. A ordem do discurso: 50 anos com Maria do Rosário Gregolin. 28 jul, 2020. [Transmissão ao vivo] Facebook: Adriano Chan – Laboratório de Redação. Disponível em: <https://www.facebook.com/redacaoadriano/videos/645371076077599/>. Acesso em: 05 ago. 2020

LIRIO, Sergio. Notícia. In: Carta Capital. Comunista, cristão e paraíba: descubra o governador Flávio Dino. 5 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/comunista-cristao-e-paraiba-descubra-o-governador-flavio-dino/>. Acesso em: 21 jul. 2020

MARQUES, George. O deboche e o humor como aliados da política – a história do “Dino Debochado”. Blog do George Marques - Revista Fórum. 1 jul. 2019. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/blogs/blogdodgeorge/o-deboche-e-o-humor-como-aliados-da-politica-a-historia-do-dino-bolado/>. Acesso em: 05 jul. 2020

MINISTÉRIO DA SAÚDE [Site institucional]. Sobre a doença: O que é coronavírus? Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 05 jul. 2020.

MYNEWS. Bolsonaro e a oposição, vaza jato, previdência, venezuela e trabalho infantil. 2019. (1h16m3s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dOMUesRynE8>gt;>. Acesso em: 16 jul. 2019.

MUCHAIL, Salma Tannus. A importância de Michel Foucault dentro e fora da PUC. Youtube. 6 de julho 2015. 7min23s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYh0yYk6Vik&feature=youtu.be>

OLIVA, Alfredo. ASSISTA esse vídeo antes de ler Foucault [Arqueologia do Saber]. Youtube. 15 mar. 2020. 5min59s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9z7EMT1B2QM&t=5s>. Acesso em: 15 abr. 2020

OPAS BRASIL [Site institucional]. Folha Informativa - COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 10 de julho de 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 10 jul. 2020.

PCdoB [Site institucional]. Apresentação do partido, s/d. Disponível em: <https://pcdob.org.br/apresentacao-do-partido/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

PINHEIRO, Luciana. FGV. Verbete biográfico: Flávio Dino. [s.d.] Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dino-flavio>. Acesso em: 21 jul. 2020

PRAZERES, Lucas. Notícia. In: O Imparcial. Eu tenho muita esperança que o Maranhão abandone o comunismo”, diz Bolsonaro ao lado de Roberto Rocha. Maranhão, 05 de junho de 2020. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/politica/2020/06/eu-tenho-muita-esperanca-que-o-maranhao-abandone-o-comunismo-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 12 jul. 2020.

QUAL a diferença entre página web, site, servidor web e mecanismo de busca? **MDN Web Docs**, [s.d.] Disponível em: https://developer.mozilla.org/pt-BR/docs/Learn/Common_questions/Pages_sites_servers_and_search_engines. Acesso em: 05 jul. 2020

RAMBALDI, Lilian. O que é o sistema binário? Site da SuperInteressante. 4 julh. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-sistema-binario/>. Acesso em: 29 jan. 2021

REVISTA FÓRUM. Sobre a revista. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/sobre-a-revista/>. Acesso em: 30 jul. 2020

RONDINELLI, Paula. "Xadrez". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/educacao-fisica/xadrez.htm>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

SARNEY, José. Câmara dos Deputados, 26 mar. 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=003.2.54.N&nuQuarto=3&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=17:18&sgFaseSessao=HO%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=26/03/2012&txApelido=PRESIDENTE&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acessado em: 20 jan. 2021.

SILVA, Daniel Neves. "Luís Carlos Prestes"; Brasil Escola. [s.d.] Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/historiab/luis-carlos-prestes.htm>. Acesso em 28 de janeiro de 2021.

SIMÕES, Eduardo. Notícia. In: Agência Reuters. Bolsonaro defende democracia após discursar em ato pró-intervenção militar e diz que espera fim de quarentena nesta semana. 20 de abril de 2020. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/idBRKBN2221QB-OB RTP>. Acesso em: 12 jul. 2020.

STF autoriza Maranhão a comprar e importar vacinas caso Plano Nacional seja descumprido. **Portal do Governo do Maranhão**, 17 dez. 2020. Disponível em: [https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=292078#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20\(STF,vigil%C3%A2ncia%20sanit%C3%A1ria%20de%20outros%20pa%C3%ADses](https://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/?p=292078#:~:text=O%20Supremo%20Tribunal%20Federal%20(STF,vigil%C3%A2ncia%20sanit%C3%A1ria%20de%20outros%20pa%C3%ADses). Acesso em: 30 de janeiro de 2021

SUPERINTERESSANTE. Qual a diferença entre socialismo e comunismo? Site da revista Superinteressante, 1º de out. de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-diferenca-entre-comunismo-e-socialismo-existiu-algum-pais-realmente-comunista/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

THIAGO, Cristiane Muniz. Pesquisando trajetórias, construindo memórias: um estudo de caso no Maranhão. Anais eletrônicos do XII Encontro Nacional de História Oral – Política, Ética e Conhecimento. Teresina: UFPI, 2014. Disponível em: http://sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1406384421_ARQUIVO_ABHO2014_L.pdf. Acesso em: 29 jan. 2021

TREVIZAN, Karina. Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial. G1, 16 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-a-piora-das->

[tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial.ghml](#). Acesso em: 28 jan. 2021

TWITTER. Glossário. **Central de ajuda do Twitter**, [s.d.]. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/glossary>. Acesso em: 17 jan. 2021